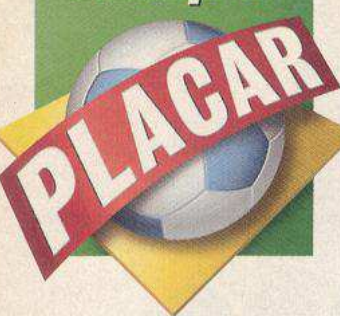
A PLACAR TRAZ TODA SEMANA O MELHOR DO FUTEBOL PARA VOCÊ

Placar traz toda a semana o melhor do futebol no Brasil e no mundo. Os bastidores das rodadas, entrevistas com os destaques, matérias polêmicas, fotos espetaculares, furos de reportagens e muito mais.

QUEM AMA FUTEBOL NÃO VIVE SEM PLACAR

Visite nosso site: www.placar.com.br

CARTA AO LEITOR

AMOR À CAMISA

O torcedor do Vasco pôde ler, já no primeiro ano da história de PLACAR, a reportagem sobre a conquista do título carioca após 12 anos de jejum. Desde então, nas páginas da revista, foram muitos os momentos inesquecíveis para colecionar. Esta edição especial procura reunir uma parte deles: são 23 textos para comover vascaínos mais e menos jovens. Quem se lembra, por exemplo, do dia em que Tostão chegou a São Januário, pouco antes que o problema na retina encerrasse sua carreira? E quem não se lembra dos cinco gols de Roberto contra o Corinthians, na volta ao Maracanã após a curta passagem pelo Barcelona? Ou da morte da primeira mulher do ídolo vascaíno, Jurema, que tanto marcou a história do clube? São estes e outros grandes momentos, como os quatro títulos brasileiros, nove cariocas e dois de copas sul-americanas, que esta edição procura proporcionar a você.

P.S.: A camisa do Vasco que ilustra a capa desta edição nos foi cedida por cortesia do colecionador paulista João Trinca. Ela foi vestida por Guina no jogo São Paulo 1 x 2 Vasco, em 27 de fevereiro de 1980, no Morumbi. ◻

ANDRÉ FONTENELLE, REDATOR-CHEFE

SUMÁRIO

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE COMERCIAL: Carlos R. Berlinck
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Paulo Cesar Araújo
VICE-PRESIDENTE DE NEGÓCIOS: Giancarlo Civita

DIRETOR DE NÚCLEO: Paulo Nogueira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Sérgio Xavier Filho **DIRETOR DE ARTE:** Fábio Bosquê Ruy **REDATOR-CHEFE:** André Fontenelle **EDITOR DE FOTOGRAFIA:** Ricardo Corrêa Ayres **EDITORES ESPECIAIS:** André Rizek, Arnaldo Ribeiro e Fabio Volpe **REPÓRTERES:** Eduardo Cordeiro, Léo Romano e Rodrigo Garofalo **SUBEDITOR DE FOTOGRAFIA:** Alexandre Battibugli **FOTÓGRAFO:** Eduardo Monteiro (RJ) **DIAGRAMADORES:** André Koguti e Crystian Cruz **ATENDIMENTO AO LEITOR:** Silvana Ribeiro **COLABORARAM:** Leonardo Fuhrmann, Marcelo Monteiro, Renata Chiurciu, Rita Palon

APOIO EDITORIAL: DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo **ABRIL PRESS:** José Carlos Augusto **NOVA YORK:** Grace de Souza **PARIS:** Pedro de Souza **RIO DE JANEIRO:** Débora Chaves

DIRETOR COMERCIAL: Alexandre Caldini

MARKETING E CIRCULAÇÃO: DIRETOR: Ricardo Packness de Almeida **GERENTE DE PRODUTO:** Euvaldo Junior **ASSISTENTE DE PRODUTO:** Erica Lemos **PROMOÇÕES E EVENTOS:** Marina Decânio **PROJETOS ESPECIAIS:** Cristina Ventura
PUBLICIDADE: DIRETORES: Eliani Prado, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo do Amaral **GERENTES:** Cristiane Tassoulas, Ricardo Luttgardes (RJ) **EXECUTIVAS DE NEGÓCIOS:** Leda Costa (RJ), Maria Isabel Mandia **EXECUTIVOS DE CONTAS:** Emiliano Hansenn, Henri Marques (RJ), Renata Miolli
PROCESSOS: GERENTE DE PRODUÇÃO: Andrea Giovanni Spelta **COORDENADORES DE PUBLICIDADE:** Irla Ferneda, Renato Rosante **COORDENADOR DE PRODUÇÃO:** Ricardo Carvalho
PLANEJAMENTO E CONTROLE: GERENTE: Auro Iasi **CONSULTORA FINANCEIRA:** Lourdes Oliveira

GERENTE ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Angela Rehem de Azevedo **DIRETOR DE PUBLICIDADE REGIONAL:** Jacques Ricardo **DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO:** Paulo Renato Simões **REPRESENTANTE EM PORTUGAL:** Manuel José Teixeira **DIRETOR DE PUBLICIDADE - CLASSIFICADOS:** Pedro Codognotto
ASSINATURAS: DIRETORA DE OPERAÇÕES DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR: Ana Dávalos **DIRETOR DE VENDAS:** William Pereira

EM SÃO PAULO: REDAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA: av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **PUBLICIDADE:** av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902.

ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: BELO HORIZONTE: av. do Contorno, 5919, 9º and., Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vânia R. Passolongo, tel.: (31) 282-0630, fax: (31) 282-8003 **BLUMENAU:** r. Florianópolis, 279, Bairro da Velha, CEP 89036-150, M. Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, telefax: (47) 329-6191 **BRASÍLIA:** SCN - Q.1 bl. Ed. Brasília Trade Center, 14º and., sl. 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, tel.: (61) 315-7575, fax: (61) 315-7558 **CAMPINAS:** r. Conceição, 233, 26º and., conjs. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **CURITIBA:** av. Cândido de Abreu, 651, 12º and., Centro Cívico, CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426, fax: (41) 252-7110 **FLORIANÓPOLIS:** r. Manoel Isidoro da Silveira, 610, sl. 107, Com. Via Lagoa da Conceição, Interação Publicidade, tel.: (48) 232-1617, telefax: (48) 232-1782 **Fortaleza:** av. Desembargador Moreira, 2020, sls. 604/605, Aldeota, CEP 60170-002, SRS Propaganda e Repres. e Com. Ltda., telefax: (85) 264-3939 **Goiânia:** r. 10, 250, lj. 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Repres. Ltda., tel.: (62) 215-3274, telefax: (62) 215-5158 **JOINVILLE:** r. Dona Francisca, 260, cj. 1408, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Proj. Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax: (47) 433-2725 **LONDRINA:** r. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP 86040-550, Best Seller Repres. Com., telefax: (43) 325-9649 **PORTO ALEGRE:** r. dos Andradas, 1001, sl. 902, Centro, CEP 90020-007, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3211-6744, fax: (51) 3211-6908 **RECIFE:** av. Dantas Barreto, 1186, 15º and., sl. 1501, São José, CEP 50020-000, MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax: (81) 424-3210 **RIBEIRÃO PRETO:** r. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda., tel.: (16) 635-9630, fax: (16) 635-9233 **RIO DE JANEIRO:** Praia de Botafogo, 501, 1º and., bl. B, Botafogo, CEP 22250-040, Paulo Renato Simões, tel.: (21) 2546-8100, fax: (21) 2546-8201 **SALVADOR:** av. Tancredo Neves, 805, sl. 401, Edif. Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consult. Publ. e Repres., telefax: (71) 341-4992/4996 **VITÓRIA:** av. Rio Branco, 304, 2º and., cj. 44, Sta. Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propag. e Marketing Ltda., telefax: (27) 325-3329
ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR: NOVA YORK: 104 West 27th Street, 11th floor, New York, N.Y. 10001, tel.: (1-212) 924-0001, fax: (1-212) 929-5157, e-mail: abril@walrus.com **PARIS:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel.: (00331) 42.66.31.18, fax: (00331) 42.66.13.99, e-mail: abril-paris@wanadoo.fr **PORTUGAL - IMPORTAÇÃO EXCLUSIVA E COMERCIALIZAÇÃO:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. Distribuição: Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

EDITORA ABRIL: INTERESSE GERAL: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Edições Regionais, Veja na Sala de Aula, Superinteressante, Web **NEGÓCIOS:** Exame, Brasil em Exame, Melhores & Maiores, Você S.A., Info Exame **FEMININAS:** Claudia, Claudia Cozinha, Elle, Nova, Nova Beleza, Capricho, Manequim, Ponto Cruz, Faça e Venda, Boa Forma, Viva Mais!, Anamaria, Contigo, Minha Novela, Horóscopo **MASCULINAS:** Playboy, Placar, Quatro Rodas, Vip **TURISMO E AVENTURA:** Viagem e Turismo, National Geographic **GUIAS:** Brasil, Rodoviário, São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Belo Horizonte, Estradas, Praias, Mapas das Capitais, Rio-Santos, Atlas Rodoviário **CASA E FAMÍLIA:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Saúde!, Bons Fluidos **INFANTO-JUVENIS:** Ação Games, Recreio, Digimon, Disney, Super-heróis, revistas e livros de atividades **ABRIL MULTIMÍDIA:** Livros Ilustrados, CDs, Fascículos e Vídeos em Séries **ANUÁRIOS:** Almanaque Abril, CD-ROM do Almanaque Abril, Guia Abril do Estudante
EDITORA CARAS, EDITORA SÍMBOLO, ABRIL CONTROLJORNAL/EDIPRESSE, EM PORTUGAL, EDITORIAL PRIMAVERA, NA ARGENTINA
INTERNET: Idealyze, Abril.com, UOL, Usina do Som, @jato **ENTRETENIMENTO:** MTV Brasil, Abril Music, Abril Eventos, Abril Produções **TVA:** TVA Rio, TVA Sul Paraná, TV Filme Goiânia, TV Filme Brasília, TV Filme Belém **Datalistas:** O maior e mais completo banco de dados do país **EDUCAÇÃO:** Editora Ática, Editora Scipione **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR 1201 (ISSN 0104-1762), ano 32/nº 31, é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. **EDIÇÕES ANTERIORES:** solicite ao seu jornaleiro ou pelo e-mail: abril.ea@abril.com.br. O preço será o da última edição em banca, acrescido da tarifa de postagem quando for enviada pelo correio (sempre que houver disponibilidade no estoque). Distribuída em todo país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

IVC | IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. | ANER

PRESIDENTE E CEO: Roberto Civita
GABINETE DA PRESIDÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira, Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTES: Carlos R. Berlinck, Cesar Monterosso, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

O VASCO NÃO CONQUISTAVA O TÍTULO carioca desde 1958. Ao longo da década de 60, uma série de times medianos fez a torcida sofrer. O jejum só acabou em 1970, com a ajuda do craque Silva, do matreiro técnico Tim e das mandingas do massagista Santana

O POVO GRITA VASCO
O NOME DO CAMPEÃO

O Vasco ganhou de 2 x 1 do Botafogo na noite de quinta-feira, dia 17, no Maracanã. Havia 12 anos que o Vasco não tinha uma noite como aquela

>> **POR FAUSTO NETO**

Muita gente, no Rio, não conseguiu dormir na madrugada de quinta-feira, dia 17: era o foguetório da entusiasmada torcida vascaína. Os que conseguiram dormir, quando saíram às ruas, encontraram os botequins abertos, a cerveja rolando, todo mundo cantando — era a festa da torcida vascaína. Quem nunca se interessou por futebol chegou a ficar assustado com tanta bandeira alvinegra (com a Cruz de Malta) espalhada pelas ruas da cidade — era a ressurreição da torcida vascaína.

Doze anos, tanto tempo que o Rio já tinha esquecido a animação das festas vascaínas, o delírio de seus torcedores, os botequins abertos a qualquer um que grita: "Vascô!" Os Manuel, Joaquim e Martins sorridentes, satisfeitos da vida, esquecidos dos negócios, mandando servir cerveja de graça. Portugueses e brasileiros se uniram na causa comum: o Vasco da Gama.

Tudo era festa no vestiário do Maracanã, risos, gritos, cânticos. Só um homem não sorria: o massagista Santana. Em sua roupa imaculadamente branca, ele parecia um fantasma bem no centro do gramado do Maracanã, onde acendeu 22 velas depois do jogo. Era o agradecimento público ao caboclo Pena Branca, que "também ajudou a ganhar".

A superstição no Vasco começou — ou se justificou — na contratação de Santana e teve seu momento maior poucos minutos antes do jogo decisivo, quando todos os jogadores se deram as mãos e, juntamente com Santana, gritaram três vezes "Vencer".

Antes, Santana chegara com velas, sal grosso, cachaça, defumador. Fez seu "trabalho" no vestiário do Vasco, trancou a porta e ficou com a chave. Avisou os jogadores que ninguém poderia pisar no campo antes da hora de entrar para o jogo. Por isso, Silva e Valfrido disseram "não" quando lhes pediram que posassem para uma fotografia. O próprio Santana contornou: "Compadre, não corta a nossa corrente."

Essas providências de Santana fizeram até um associado comentar:

— Se continuar assim, o Santana toma o lugar do Tim.

— Juro que não tremi. Eu sabia que estava jogando num time de craques (Élcio, o goleiro desconhecido, que atuava pela primeira vez no Maracanã, substituindo Andrada).

O Vasco fez o primeiro gol, os torcedores quiseram gritar "campeão", mas a chefe da torcida, Dulce Rosalina, sofrida e experiente em 12 anos de frustração, se impôs:

— Ainda é cedo. Ainda é cedo. Agora não.

O Vasco fez o segundo gol.

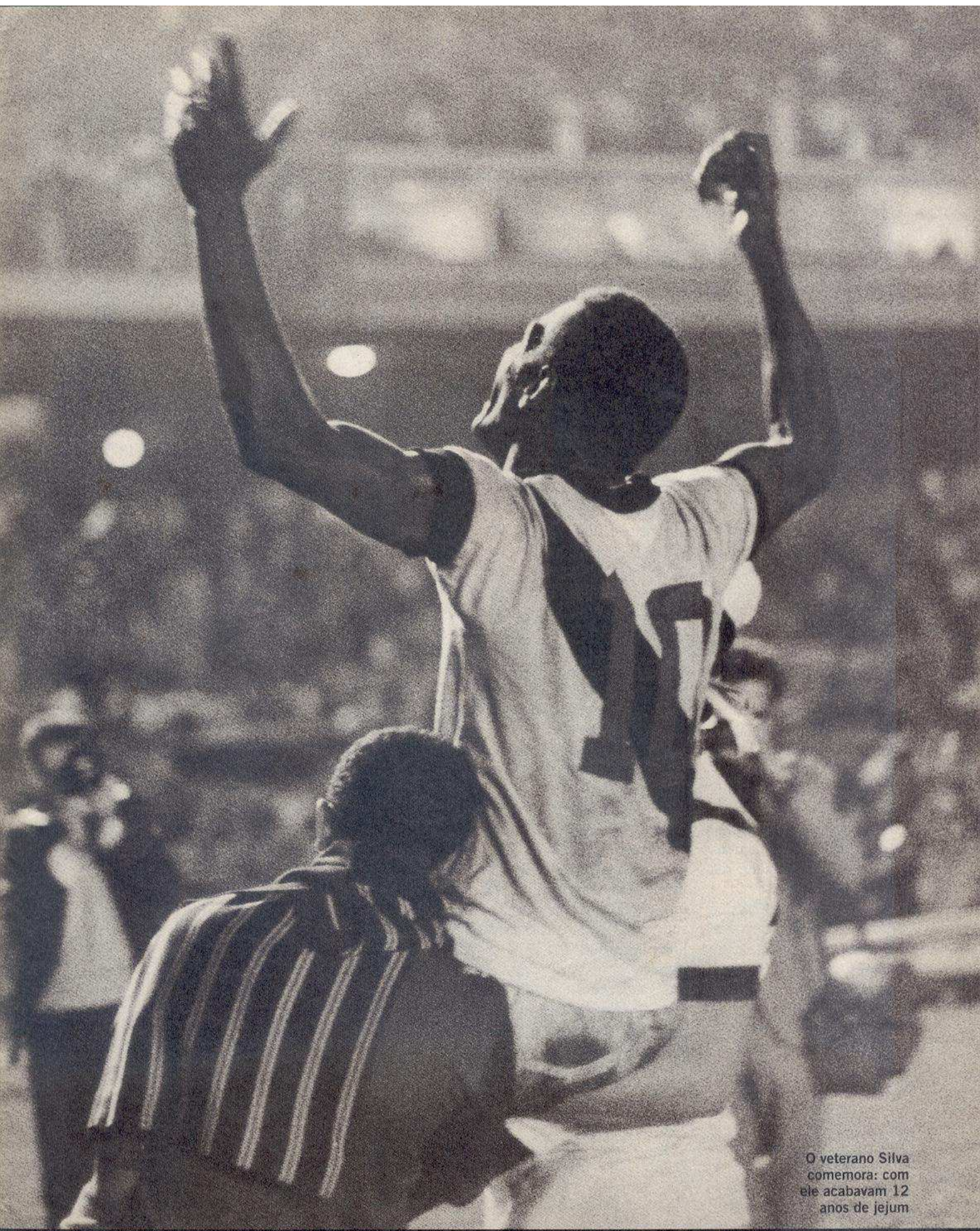
— Campeão! Campeão! — lágrimas e gritos se confundiam no desabafo de Dulce.

Cada craque que saía do vestiário era saudado pela torcida. Surgiu Gílson Nunes, com seu uniforme completo, até as chuteiras. Fizera uma promessa: se o Vasco fosse campeão, sairia do estádio com a roupa do jogo e iria a pé até a sua casa.

Gílson Nunes tinha seus motivos: era campeão carioca. Mas por que uma promessa tão grande apenas por um título? Um título que não era novidade para ele (Gílson foi campeão em 1964, pelo Fluminense). Mas Gílson Nunes tinha uma razão maior: toda a vida ele foi torcedor vascaíno, sempre quis jogar no seu clube, voltar ao Vasco onde começou sua carreira, no futebol de salão.

— Ninguém é dono do título. Ele pertence a todos (Tim).

"SANTANA CHEGARA COM VELAS, SAL GROSSO, CACHAÇA, DEFUMADOR. FEZ SEU 'TRABALHO' NO VESTIÁRIO DO VASCO, TRANCOU A PORTA E FICOU COM A CHAVE"

17/9/70 MARACANÃ (RIO)
VASCO 2 X 1 BOTAFOGO
J: José Aldo Pereira; **R:** Cr$ 254 512;
G: Gílson Nunes 32 do 1º; Moisés (contra) 13 e Ferreti 39 do 2º
VASCO: Élcio, Fidélis, Moacir, Renê e Eberval; Alcir e Buglê; Luís Carlos (Ademir), Valfrido, Silva e Gílson Nunes. **T:** Tim
BOTAFOGO: Ubirajara, Moreira, Moisés, Leônidas e Valtencir (Botinha); Nei e Careca; Zequinha, Jairzinho, Nílson (Ferreti) e Paulo César Caju. **T:** Zagallo

O veterano Silva comemora: com ele acabavam 12 anos de jejum

A CONTRATAÇÃO DE TOSTÃO, que brigara no Cruzeiro, deu novo ânimo à torcida vascaína, desanimada naquele ano. Mas os títulos não viriam e o craque pararia de jogar em 1973, devido ao problema no olho

TOSTÃO, O REI NO RIO

Até a última semana, Jairzinho e Paulo César eram os ídolos máximos da torcida carioca. Agora a coroa, por direito de categoria e classe, repousa sobre uma outra cabeça: Tostão, o homem que venceu mais uma batalha na sua guerra pelo bom futebol

>> POR TEIXEIRA HEIZER, FAUSTO NETTO E ARTHUR FERREIRA

Há anos os vascaínos não tinham uma alegria tão grande: nem o título de 70, depois de 12 anos de jejum, emocionou tanto aquela massa de torcedores. Então, a festa era só do Vasco; hoje, é de todo o Rio, que recupera prestígio no lance ousado de pagar 3,5 milhões de cruzeiros por um jogador de futebol (fora despesas e 720 mil cruzeiros pelo contrato de dois anos).

Por isso a cidade estava em festa quando Tostão chegou, escapando de Minas, do fabricante de cervejas e do técnico atrabiliário. Trazendo, com sua classe de grande jogador, sua dignidade de homem.

A portuguesada, ausente há tanto tempo, encheu as ruas do Rio aos gritos de "Basco, Basco!" O presidente Agatirno Gomes, que via seu clube esvaziar-se como grande potência do futebol brasileiro, podia declarar de cabeça erguida:

— Tostão, para o Vasco, é mais que um grande jogador; é um estado de espírito, uma injeção de otimismo.

Tostão, que recebera com surpresa o resultado de seu leilão, que preferia abertamente ir para o Fluminense, não resistiu à apoteótica recepção:

— Isto é uma loucura. O Vasco é o último clube da minha vida. Não sairei mais daqui.

A multidão — a maior que já recebeu um jogador no Rio, sem contar a Seleção tricampeã — enfrentou o policiamento severo para venerar seu novo ídolo. No entanto, Tostão mesmo fazia questão de avisar:

— Não vim para ser um ídolo isolado nem vou fazer nenhum milagre.

Ninguém espere que Tostão, sozinho, transforme o Vasco em um grande esquadrão a partir do momento de sua estréia. Zizinho reconhece que Tostão é um grande passo, mas não o suficiente para ultrapassar a linha que demarca a meta almejada: se não títulos, a grandeza verdadeira do Clube de Regatas Vasco da Gama.

— Falta muita coisa ainda. Como jogará Tostão no Vasco?

— Tostão virá jogando de trás, conforme fazia no Cruzeiro. Ninguém vai violentar suas características. — Terei de arranjar bons parceiros para ele. O Dé, voltando à forma, será muito útil. O Roberto está desabrochando agora. Nós não temos problemas na defesa; agora, estamos caminhando para resolver os problemas do ataque.

Pode ser que Tostão não resolva, sozinho, os problemas do time do Vasco. Mas seguramente levantará o moral do clube, dando aos vascaínos o ídolo que não tinham desde o fim da década de 50. Tostão recebe 240 mil cruzeiros na assinatura do contrato e mais 240 mil no fim do ano — tudo com a garantia do Banco Português do Brasil, financiador de toda a transação com o Cruzeiro. Os salários serão de 10 mil cruzeiros mensais, completando no final de dois anos o total de 720 mil cruzeiros. Além disso, no segundo ano de contrato Tostão receberá mil dólares por partida no exterior.

Em compensação, tanto o banco financiador como a indústria de um dos avalistas — Amadeu Siqueira — se beneficiarão da presença de Tostão. Ele ajudará na promoção dessas duas empresas, inclusive dando nome a um chocolate branco, marca Tostão. Agora, só falta Tostão entrar em campo, para a glória do Vasco e do futebol carioca.

"TANTO O BANCO FINANCIADOR COMO A INDÚSTRIA DE UM DOS AVALISTAS — AMADEU SIQUEIRA — SE BENEFICIARÃO DA PRESENÇA DE TOSTÃO. ELE INCLUSIVE DARÁ NOME A UM CHOCOLATE BRANCO, MARCA TOSTÃO"

7/5/72 MARACANÃ (RIO)
FLAMENGO 2 X 2 VASCO
J: José Marçal Filho; **R:** Cr$ 862 863; **G:** Silva 11 e Doval 40 do 1º; Silva 3 e Eberval (contra) 30 do 2º
FLAMENGO: Renato, Aluísio, Fred (Chiquinho), Tinho e Rodrigues Neto; Zanata (Zico) e Liminha; Zé Mário, Caio, Doval e Paulo César Caju. **T:** Zagallo
VASCO: Andrada; Paulo César, Miguel, Renê e Eberval; Alcir e Tostão; Marco Antônio, Silva (Ferreti), Roberto e Gílson Nunes. **T:** Zizinho

Sim, ele vestiu essa camisa: Tostão encerrou a carreira no Vasco

O PRIMEIRO TÍTULO BRASILEIRO do Vasco foi sofrido. O quadrangular final, que também tinha o Santos de Pelé e o Inter de Falcão, terminou com empate entre Vasco e Cruzeiro. Uma bobeira dos mineiros fez o jogo ser transferido para o Rio e Jorginho Carvoeiro decidiu o jogo

O VASCO NÃO DEU COLHER DE CHÁ

Acima de qualquer contestação, dentro de campo, onde o futebol prevalece, o Vasco foi superior ao Cruzeiro

POR JOSÉ TRAJANO

O Vasco não decepcionou nem mesmo aos que sonhavam com um baile. O futebol que seu time jogou, pela variada cadência rítmica, teve muito do melhor samba carioca. Os que esperavam ver o Cruzeiro senhor do campo, ao fim de 90 minutos tiveram de se curvar à realidade: venceu o melhor, o Vasco.

A história da conquista do Vasco é uma sucessão de vitórias impossíveis — até certo ponto facilitadas pelos erros de dirigentes mineiros. O time carioca começou a ganhar o Brasileiro na quarta-feira, 24 de julho, no Mineirão. Nenhum cruzeirense acreditava em outro resultado que não fosse a vitória. Mas o Vasco, mesmo depois de perder o primeiro tempo por 1 x 0, empatou e, no último minuto, o Cruzeiro começava a perder.

Tudo porque, a partir de uma decisão contestada de Sebastião Rufino — ele não marcou um suposto pênalti em Palhinha —, o dirigente Cármine Furletti invadiu o campo para agredir o juiz, e o técnico Hilton Chaves fez o mesmo com o bandeirinha. O erro teria as mais graves repercussões a partir do instante em que o Vasco, depois de empatar com o Inter no Maracanã, viu-se obrigado a disputar uma partida extra com o Cruzeiro para chegar ao título. De acordo com o regulamento, o jogo seria no Mineirão.

Foi quando os dirigentes do Vasco invocaram um artigo do regulamento que punia o Cruzeiro pela invasão de campo acontecida no jogo do Mineirão. E os mineiros resolveram jogar no Maracanã — o Vasco vencia mais uma batalha.

Enquanto isso, os jogadores viviam climas diversos. Os do Cruzeiro sofriam as incoerências de seus cartolas, que haviam visto entrar em campo para agredir um juiz, ameaçarem não disputar o jogo decisivo se ele não fosse no Mineirão e, afinal, concordarem com sua transferência para o Maracanã. Ao mesmo tempo, os do Vasco mereciam o apoio dos dirigentes, que prometiam levar o jogo para o Maracanã.

Moral da história: o Vasco foi para cima do Cruzeiro, que começou a ver seus sonhos transformados num pesadelo. Mas os mineiros sentiam dificuldade em transformar em gols sua tão afirmada superioridade técnica, talvez pelo nervosismo de todos.

A festa no Rio já dura há uma semana e nenhum torcedor de outro time carioca é capaz de continuar a duvidar do Vasco. É um time que não enche os olhos dos que gostam do futebol acadêmico, das filigranas e do preciosismo. Mas regularidade é com ele mesmo, tanto que em 28 jogos teve 12 vitórias, 12 empates e apenas quatro derrotas. Marcou 33 gols e sofreu dezoito. Se a sua produção no ataque deixou a desejar, foi brilhante o trabalho de sua defesa. Foi sempre uma nau que teve a comandá-la um almirante de pulso firme: Mário Travaglini.

Como há muito não ocorria, os gritos de "Casaca/Casaca/Casaca, saca, saca/A turma/É boa/É mesmo da fuzarca" são ouvidos em qualquer esquina do Rio. E tem muita gente que bebe de graça há uma semana, pois ninguém vibra mais que os seus Manoéis dos botecos quando o Vasco se reencontra com sua grandeza.

E nessas ocasiões, através de todos os tempos, o Vasco nunca foi de dar colher-de-chá. Menos ainda diante de sua apaixonada e vibrante torcida.

"O VASCO É UM TIME QUE NÃO ENCHE OS OLHOS DOS QUE GOSTAM DO FUTEBOL ACADÊMICO. MAS REGULARIDADE É COM ELE MESMO"

1/8/74 MARACANÃ (RIO)

VASCO 2 X 1 CRUZEIRO

J: Armando Marques (SP); **R:** Cr$ 1 413 281,50; **P:** 112 993; **G:** Ademir 14 do 1º; Nelinho 19 e Jorge Carvoeiro 31 do 2º

VASCO: Andrada, Fidélis, Moisés, Miguel e Alfinete; Alcir e Zanata; Ademir, Jorginho Carvoeiro, Roberto e Luís Carlos. **T:** Mário Travaglini

CRUZEIRO: Vítor, Nelinho, Perfumo, Darci Menezes e Vanderlei; Wilson Piazza e Zé Carlos; Dirceu Lopes, Roberto Batata, Palhinha (Joãozinho) e Eduardo (Baiano). **T:** Hílton Chaves

Roberto e a bola, que não desgrudava dele: vitórias impossíveis

UMA ELETRIZANTE DECISÃO POR PÊNALTIS, com Mazarópi pegando a cobrança de Zico, deu ao Vasco sua primeira Taça GB desde que conquistara a primeira edição, em 1965

VASCO DOBRA O FLA NOS PÊNALTIS E NA CORAGEM

Enquanto teve Zanata em campo, o Vasco mandou. Mandou mesmo, sem se preocupar com a presença do Flamengo. Decisivo, nervoso, este jogo foi surpreendente

>> **POR LUÍS AUGUSTO CHABASSUS E RAUL QUADROS**

Luís Augusto, um ex-juvenil, virou herói. Ele era olhado por mais de 130 mil pessoas e não se intimidou. Cantarele o olhava fixamente e começou a cair para o canto direito ao ver o apoiador correr. De nada adiantou o esforço do goleiro, pois a bola entrou no lado oposto — e Luís Augusto saiu para comemorar.

Um título merecido. Enquanto teve Zanata em campo, o Vasco mandou no jogo. Mandou mesmo, sem se preocupar com a presença do Flamengo. Jogo decisivo, nervoso, este Flamengo x Vasco foi surpreendente:

1) A grande revelação do Flamengo nesse primeiro semestre foi Rondinelli. Vigoroso, esforçado, chegou a ser considerado o melhor zagueiro central da Taça. Eis que, num momento de total estupidez, e quando a bola já não estava na área, deu uma cotovelada na cara de Roberto, bem na frente do juiz Agomar Martins — que marcou o pênalti. A cotovelada do zagueiro, o tempo provou, nocauteou o Flamengo.

2) Geraldo, que tanto encanta Brandão por seu toque de bola, fez o que o técnico da Seleção sempre lhe pediu: jogou como ponta-de-lança durante todo o segundo tempo — e até marcou o gol do seu time. E Geraldo não é o que se possa chamar de goleador.

3) Zico, o rei do pênalti, o supercraque, titular da Seleção, fez o que ninguém acreditaria fosse capaz, nem mesmo Mazarópi: perdeu um pênalti — o quarto de sua carreira.

Enquanto o Flamengo vivia uma semana agitada, às voltas com a renovação do contrato de Zico, a pedido dos jogadores o Vasco se concentrava mais cedo. Enquanto Paulo Emílio abria a escalação para quem quisesse ouvir, Froner fazia mistério sobre o substituto de Merica. Tal insegurança acompanhou o Flamengo a campo — e talvez explique a cotovelada de Rondinelli. Roberto caiu, foi medicado e voltou para cobrar o pênalti — com a eficiência de sempre. Um gol tão importante para o Vasco como aquele que ele levara do mesmo Flamengo aos 30 segundos do último jogo.

O Vasco perdeu o entusiasmo, a garra inicial, trancou-se na defesa — e várias vezes até Roberto Dinamite era visto dentro de sua própria área. Ao contrário, o Flamengo ganhou sangue novo com a substituição de Caio por Eduzinho. E foi Edu quem liberou um pouco Zico de suas funções no meio-campo — só que ele, como a maioria dos demais rubros-negros, caía aos pedaços, estava mortinho. E foi Edu quem deu a Geraldo a bola que foi transformada no empate.

Depois, o Flamengo dominou, mas não teve pulmão para chegar à vitória. Veio a prorrogação e o Flamengo ainda continuou melhor, embora lhe faltasse poder de decisão — por largos instantes o time dava a impressão de preferir a decisão por pênaltis, e o Vasco estava nessa desde o segundo tempo.

E começaram os pênaltis. Júnior o primeiro: 1 x 0; Abel bateu e Cantarele defendeu: 1 x 0; Zé Roberto chutou com grande categoria: 2 x 0; Gaúcho diminuiu: 1 x 2; Tadeu, trocando de pé, fez 3 x 1; Fumanchu, com raiva, diminuiu: 2 x 3; Toninho, com classe incrível, continuou a série: 4 x 2; Zé Mário bateu com força: 3 x 4.

A torcida nem fez silêncio quando chegou a vez de Zico, o rei do pênalti — era ele bater e começar a festa. Do Vasco, que Mazarópi saltou no canto direito e defendeu. Roberto empatou tudo: 4 x 4. Chegou Geraldo e tocou com a maior displicência. Perdeu. Era o fim.

"A INSEGURANÇA ACOMPANHOU O FLAMENGO A CAMPO — E TALVEZ EXPLIQUE A COTOVELADA DE RONDINELLI. ROBERTO FOI MEDICADO E VOLTOU PARA COBRAR O PÊNALTI — COM A EFICIÊNCIA DE SEMPRE"

13/6/76 MARACANÃ (RIO)

VASCO 1 X 1 FLAMENGO

J: Agomar Martins; **R:** Cr$ 3 592 106,50; **P:** 133 444; **G:** Roberto (pênalti) 6 do 1º; Geraldo 22 do 2º; **CA:** Rondinelli, Toninho, Geraldo, Abel, Luisinho e Roberto; **Nos pênaltis:** Vasco 5 (Gaúcho, Luís Fumanchu, Zé Mário Roberto e Luís Augusto; Abel perdeu) x 4 Flamengo (Júnior, Zé Roberto, Tadeu Ricci e Toninho; Zico e Geraldo perderam)

VASCO: Mazarópi, Gaúcho, Abel, Renê e Marco Antônio; Zé Mário e Zanata (Luís Augusto); Luís Fumanchu, Dé (Jair Pereira), Roberto e Luís Carlos. **T:** Paulo Emílio

FLAMENGO: Cantarele, Toninho, Rondinelli, Jaime (Dequinha) e Júnior; Tadeu Ricci, Geraldo e Zico; Caio (Edu), Luisinho e Zé Roberto. **T:** Carlos Frôner

Roberto encara a marcação rubro-negra: ele deixaria o seu

A IMPRESSIONANTE CAMPANHA no estadual daquele ano (25 vitórias, quatro empates e uma derrota; 69 gols pró e cinco contra) começava bem, com a conquista do primeiro turno

VASCÃO DINAMITA A TAÇA

A torcida do Botafogo abandonava o Maracanã, começava a festa do Vasco

>> POR LUÍS AUGUSTO CHABASSUS E MAURÍCIO AZÊDO

Aos 40 minutos do segundo tempo, a torcida do Vasco havia transformado mais da metade do Maracanã numa gigantesca manifestação carnavalesca. A alegria da multidão chegava ao paroxismo, que começou a se esboçar dez minutos antes, quando Roberto fez o gol que consolidava a vitória. Ao gol seguiu-se o espetáculo: milhares de mãos se ergueram e se somaram para abrir e sustentar uma faixa de mais de cem metros de comprimento por três de altura, com a gigantesca inscrição: "Vasco, bicampeão"

Foram dez minutos no paciente trabalho de abertura da faixa, que ocultava a visão do campo. Mas, àquela altura, não era preciso ver mais nada: o jogo estava sendo sentido com o coração e com os lábios, dos quais se desprendia um coro afinado, de impressionante harmonia: "Ôôô/ ôôô/ ôôô/ Vascô!" A partir daí, até o final, esse coro se confundia com um cântico que reclamava o fim do jogo para que a torcida pudesse dedicar-se integralmente à festa: "Ai, ai, ai, ai/ Está chegando a hora..."

E não foi a torcida do Vasco quem tomou a iniciativa na guerra de coros e de outras manifestações. Aguerrida, confiante, a torcida do Botafogo enfeitou uma parte das arquibancadas, atrás do gol, com milhares de bolas brancas. E, em coro, gritava: "É campeão!"

Mas foi em silêncio que o estádio assistiu ao início do jogo, nervoso como em toda decisão. O Vasco atraía o Botafogo, jogava em contra-ataque. Logo aos 15, a primeira chance. Roberto chegou atrasado. Aos 26, foi Dé que, sozinho, diante de Mazarópi, chutou em cima do goleiro. As torcidas se agitaram.

Veio o segundo tempo, a surpresa. O Vasco mudou, passou a marcar a saída de bola. Bastava o empate, Fantoni queria a vitória. Ela começou logo aos 2 minutos. Orlando centrou, Roberto escorou: 1 x 0. O Botafogo entrou no desespero. Daí para a frente, só deu Vasco.

O segundo gol pintou aos 4: Orlando chutou, Zé Carlos espalmou. Pintou aos 9: Marco Antônio chutou, Zé Carlos espalmou. Aconteceu aos 31: o Botafogo foi todo à frente, Zanata lançou Roberto, que avançou, driblou Perivaldo e Osmar e fuzilou: 2 x 0.

A torcida do Botafogo abandonava o Maracanã, começava a festa do Vasco, bicampeão com o ataque mais positivo, a defesa menos vazada, o artilheiro do primeiro turno. Nos vestiários do Botafogo — que acabou perdendo o vice para o Flamengo — Manfrini só lamentava: "Para ser campeão, um time precisa ter coração."

"MILHARES DE MÃOS SE ERGUERAM E SE SOMARAM PARA ABRIR UMA FAIXA DE MAIS DE CEM METROS, COM A GIGANTESCA INSCRIÇÃO: 'VASCO, BICAMPEÃO'"

29/5/77 MARACANÃ (RIO)
VASCO 2 X 0 BOTAFOGO
J: Luís Carlos Félix; **R:** Cr$ 5 101 828; **P:** 131 741; **G:** Roberto 3 e 31 do 2º; **CA:** Rodrigues Neto
VASCO: Mazarópi; Orlando, Abel, Geraldo e Marco Antônio; Zé Mário, Zanata e Dirceu; Wilsinho (Fumanchu), Roberto e Ramón (Helinho). **T:** Orlando Fantoni
BOTAFOGO: Zé Carlos, Perivaldo, Osmar, Odélio e Rodrigues Neto; Carbone (Luisinho), Paulo César Caju e Manfrini: Gil, Dé e Mário Sérgio. **T:** Leônidas

A Taça Guanabara e dois meio-campistas inesquecíveis: Zanata e Zé Mário

O VASCO HAVIA CONQUISTADO O PRIMEIRO TURNO e decidia o segundo num jogo-desempate contra o Flamengo. Se saísse vencedor, no tempo normal ou nos pênaltis, seria campeão estadual

O POVO GRITA VASCO
O NOME DO CAMPEÃO

Uma ala saúda, todo o Rio responde. A cidade tem um novo campeão, forte e confiante, como sua própria torcida. Feito de pulmão, coração, entusiasmo. Como mostrou no Campeonato Carioca, como promete mostrar na Copa Brasil

>> **POR LUIZ ANTÔNIO NASCIMENTO**

— Ô xará, aperta mais um pouquinho aí.

— Vai firme.

— Um jeitinho, um passinho à frente por um vascaíno campeão.

— Fecha a porteira, senão a gente não vê m... nenhuma.

— Quem vai? Trintinha pelo pôster do campeão; a faixa por vinte. O chapéu é quinze. Aproveita que tá acabando.

— Sentaí, ô cara.

Lá embaixo, no último degrau das arquibancadas, a Vascaé (de Macaé) desfilava sua alegre e enorme faixa: "A torcida pé-quente que já nasceu campeã." Mais embaixo ainda, o gramado deserto. Nem mesmo a preliminar, reunindo as equipes infanto-juvenis, começara. E a festa do povo já percorria o Maracanã, repleto, dividido. Em partes iguais.

De um lado, a alvoroçada massa rubro-negra se ajeitava. De outro, a confiante torcida vascaína já cantava o título: "Se a canoa não virar, olê olê olá/ Eu chego lá/ Se o tricolor for vigarista/ Vou... do flamenguista." A resposta ensaiava surgir, a certeza vascaína não deixava: "É campeão, é campeão, é campeão." E, num alucinante ritmo, com incrível precisão, os gritos de guerra, também alternados, denunciavam quem confiava, quem acreditava. Estava em jogo o segundo turno, estava em jogo um campeonato.

Ao longe, Eli gesticulava comandando a Força Jovem. Mais distante ainda, a graciosa Dulce Rosalina estava à frente da torcida tradicional. Como sempre.

— Vai, Dinamite!

Roberto estava mal. O jogo, feio. E se arrastou até a prorrogação, quando uma forte suspeita transformou toda a euforia da entusiasmada massa vascaína em revolta. Duas, três, quatro faltas próximas à área de Cantarele e o inexperiente e desconhecido Giese do Couto, o juiz escolhido à última hora, mandando o jogo correr.

— É marmelada. É marmelada. É marmelada.

Um coro só, indignado. O negão se agitava. Xingava, ameaçava descer.

E o jogo que Giese mandava correr não corria. E terminou como começou. O suspense crescia. A torcida do Vasco ainda conseguia ostentar o aparente otimismo. A do Flamengo, mais silenciosa, por certo não entendera por que o time prendera tanto a bola, fazendo o tempo passar e confiando nos pênaltis.

— É Mazarópi. É Mazarópi. É Mazarópi.

A torcida tinha certeza. Mesmo nos pênaltis, o título não escaparia. O pequeno grande Mazarópi estava ali para segurar, com sua invencibilidade de mais de 1 700 minutos. O oportunista e valente Roberto estava ali para conferir, com seus 25 gols. Um, dois, três pênaltis, a mesma coisa, o mesmo canto. O Flamengo convertia, o Vasco acompanhava. Até que veio o lance decisivo.

O juvenil Tita correu, chutou no mesmo canto, o direito de Mazarópi. E Mazarópi chegou a tempo. Pegou, confirmando tudo o que a torcida nele depositava. O juvenil Zandonaide correu, chutou no mesmo canto, o direito de Cantarele. Gol. A torcida explodiu, o garoto correu para os abraços chorando. Vieram os últimos pênaltis. Zico bateu. Gol. Roberto bateu. Marcou, confirmando, também, tudo o que nele a torcida depositava.

"A CONFIANTE TORCIDA VASCAÍNA JÁ CANTAVA O TÍTULO: 'SE A CANOA NÃO VIRAR, OLÊ OLÊ OLÁ/ EU CHEGO LÁ/ SE O TRICOLOR FOR VIGARISTA/ VOU... DO FLAMENGUISTA'"

28/9/77 MARACANÃ (RIO)

VASCO 0 X 0 FLAMENGO

J: Giese do Couto; **R:** Cr$ 6 162 851; **P:** 152 059; **CA:** Toninho, Cláudio Adão e Wilsinho; **Nos pênaltis:** Vasco 5 (Paulinho, Orlando, Dirceu, Zandonaide e Roberto) x 4 Flamengo (Júnior, Cláudio Adão, Osni e Zico; Tita perdeu)

VASCO: Mazarópi, Orlando, Abel, Geraldo e Marco Antônio; Zé Mário, Zanata (Helinho) e Dirceu; Wilsinho (Zandonaide), Roberto e Paulinho. **T:** Orlando Fantoni

FLAMENGO: Cantarele, Ramírez (Tita), Rondinelli, Dequinha e Júnior; Merica (Vanderlei), Adílio e Zico; Toninho, Cláudio Adão e Osni. **T:** Cláudio Coutinho

Acabou: Roberto converteu o último pênalti, o Vasco é campeão

DEPOIS DE UMA RÁPIDA E FRUSTRADA passagem pelo Barcelona, quase Dinamite foi parar no Flamengo. O Vasco foi buscá-lo e o ídolo mostrou sua gratidão com a melhor exibição de sua carreira

QUE DEUS O PROTEJA

Alguma força estranha pairava sobre o Maracanã. Oxum, Oxalá, Xangô ou o Senhor do Bonfim, alguém protegia o fantástico Roberto Dinamite. E ele soube agradecer maravilhosamente, herói de uma noite inesquecível

POR MÍLTON COSTA CARVALHO

Os gols foram surgindo naturalmente. Um atrás do outro, e nascendo sempre dos mesmos pés, abençoados pés. Havia mesmo uma atmosfera mística a envolver o Maracanã, uma força capaz de afastar os mais temíveis inimigos. Como, por exemplo, a Fla-Fiel — casuística coligação entre flamenguistas e corintianos, as duas maiores torcidas do país.

No outro extremo da arquibancada, todos eram devotos de uma mesma religião: Roberto Dinamite. Mas quem protegia o artilheiro? Que estranho poder o tornava tão auto-suficiente no momento de chutar a gol? Oxum? Xangô? O certo é que no final da festa, já no pátio do Maracanã, Jurema falava com o marido Roberto sobre os projetos para esta quarta-feira:

— O Vasco, eu e Roberto estaremos quarta-feira em Salvador. Eu e meu marido teremos de pagar uma obrigação.

Certamente irão agradecer a seus santos protetores o grande dia de Roberto, os cinco gols maravilhosos que marcou em cima da respeitada defesa do Corinthians.

Um dia que, talvez por superstição, Roberto tentou cumprir dentro da rotina que conhece há seis anos. Acordou cedo e, no trajeto de São Januário até o Maracanã, fez questão de viajar na poltrona 17 do ônibus do Vasco — como sempre fez. Ao chegar no estádio, estranhou o enorme público para um jogo entre dois times classificados. Em seu íntimo, sabia que teria de deixar seu gol, provar que o Barcelona estava enganado quando o devolveu ao Brasil com sérios reparos a seu futebol.

No vestiário, enquanto o roupeiro lhe entregava o material de jogo, ele já ouvia o coro da galera: "Roberto, Roberto, Roberto." O artilheiro, então, tremeu, se emocionou, quase chegou a chorar. Mas, na hora, lembrou-se que devia agir rotineiramente, como se nunca tivesse se afastado do estádio que o consagrou, do povo que tanto o alegrou.

Em campo, apesar da festa da torcida, da grande faixa com os dizeres "Com Dinamite o Vasco volta a ter cheiro de gol", procurou não perder a concentração. Quando Caçapava abriu o placar, seu nome foi gritado a plenos pulmões nas arquibancadas. Sua resposta veio dois minutos depois: estufou as redes de Jairo uma vez. Depois duas, três, quatro, cinco vezes — uma maravilhosa chuva de gols. Foram seis chutes, cinco gols, uma bola no corpo de Jairo e uma cabeçada fora. Um prêmio à sua obsessão em cumprir seus movimentos, rotineiramente, como faz há seis anos no Vasco? Dinamite desconversa, mas acaba revelando suas convicções místicas:

— Fazer gols também faz parte da minha rotina. Por isso tentei fazer tudo rotineiramente. Pensei: sempre fui artilheiro. Quem sabe fazendo tudo como nos meus seis anos de Vasco volto a ser o grande artilheiro do time? Deu certo.

"NO VESTIÁRIO, ENQUANTO O ROUPEIRO LHE ENTREGAVA O MATERIAL DE JOGO, ELE JÁ OUVIA O CORO DA GALERA: 'ROBERTO, ROBERTO, ROBERTO.' O ARTILHEIRO, ENTÃO, TREMEU, SE EMOCIONOU, QUASE CHEGOU A CHORAR"

4/5/80 MARACANÃ (RIO)

VASCO 5 X 2 CORINTHIANS

J: Carlos Sérgio Rosa Martins (RS); **R:** Cr$ 8 648 760; **P:** 107 474; **G:** Caçapava 11, Roberto 13, 27, 37, 39, Sócrates (pênalti) 42 do 1º; Roberto 27 do 2º

VASCO: Mazarópi, Paulinho II, Juan (Ivã), Léo e Paulo César; Carlos Alberto Pintinho, Guina e Edu; Wilsinho (João Luís), Roberto e Catinha. **T:** Orlando Fantoni

CORINTHIANS: Jairo, Zé Maria, Mauro, Amaral e Wladimir; Caçapava (Djalma), Basílio e Sócrates; Píter, Geraldo (Toninho) e Wilsinho. **T:** Jorge Vieira

Roberto aproveita o rebote e marca: Jairo não teve chance

O FLAMENGO VENCEU O PRIMEIRO TURNO, o América o segundo. Mas o Vasco, com mais pontos no total da competição, derrotou os dois no triangular final e ficou com o título

VASCÃO NA CABEÇA

Vendeu (1 x 0) o time mais ousado. Venceu o time que teve coragem de barrar titulares, substituir ídolos, encarar de frente os astros rubro-negros. O Rio, agora, é todo Vascão!

>> POR MARCELO REZENDE

Os olhos riem porque a boca precisa gritar de alegria. Os braços dançam no ar porque as pernas, ah!, como tremem de emoção. O corpo fica no lugar, libera-se a alma em felicidade. O homem de preto e branco, aquela Cruz de Malta no peito, ganhou o mundo: é supercampeão!

Não é à toa que terminou o campeonato com 34 pontos ganhos, bem à frente dos adversários. E foi graças a essa excelente campanha que entrou no supercampeonato ao lado de Flamengo e América, vencedores, respectivamente, do 1º e 2º turnos.

Amado Vasco este que não nos faz cantar. É que uns, tensão de tantos anos, choram, outros gritam. Todos comemoram: é o fim do penta-vice-campeonato. É campeão mesmo: 1 x 0 no Flamengo.

E aquele homem dos olhos que riem não diz palavra: ele canta, como se fosse o único do Maracanã a cantar. Simplesmente canta, requebra — e homem também requebra. Todos querem ouvi-lo — ou pelo menos queriam. Ele está em transe, pois afinal tem o que poucos possuem: coragem. Jogou sua carreira, seu prestígio, dignidade numa só cartada: na véspera do supercampeonato, para surpresa geral, resolveu trocar cinco jogadores titulares do time eternamente vice-campeão.

Tirou o zagueiro Nei, o lateral-direito Rosemiro, o apoiaodr-revelação Geovani, o ponta-esquerda Marquinho e, acreditem, o famosíssimo goleiro Mazarópi. Louco, imprudente, irresponsável! — adjetivos não faltaram. Pior quando anunciou — este homem que tem olhos que riem e não diz palavra — que entrariam o inexpressivo ponta-esquerda Jérson, o lateral entra-e-sai Galvão, o então irregular zagueiro Ivan (autor do gol contra o América), o arisco apoiador Ernâni e, suprema ousadia, o eterno goleiro reserva Acácio.

Vasco campeão! Deixem o homem cantar. Deixem o técnico Antônio Lopes, este caruoca durão, cantar em paz: foi muita tensão, muita responsabilidade, muito sangue-frio.

Sangue-frio de, no intervalo deste Flamengo x Vasco, com 113 mil pagantes no Maracanã, tirar o ídolo Dudu do time apenas por questões táticas. Outra cartada arriscada — no lugar de Dudu entrou o ex-titular Marquinho.

Três minutos do segundo tempo: o centroavante Roberto, sublime nas arrancadas, passa ao apioador Ernâni, livre na área. O chute sai forte, o goleiro Raul manda a escanteio. Sublime Raul.

Lá vem bola...

O relógio do Maracanã marca 3 minutos do segundo tempo e Pedrinho corre em direção à bola. Na cabeça do técnico Lopes — ele revelaria mais tarde — havia pavor: seu time no ataque e Zico sozinho, pronto para o contra-ataque. "Meu Deus, marquem o Zico", suplicou. Como num filme, por sua cabeça passaram os três vice-campeonatos de que participou: os da Taça Guanabara de 1981 e 1982 e do campeonato 1982.

Pedrinho Gaúcho cobra. O lateral do Flamengo, Leandro, apenas olha e Marquinho, com 1,60 m de altura, raspa de leve com a cabeça na bola. Gol do Vasco! Gol do campeão, equivocadamente creditado na súmula, por José Roberto Wright, em favor de Pedrinho.

Dia 5 de dezembro de 1982, o Vasco até então há cinco anos sem título. Cinco: cachorro no jogo do bicho; 1982: ano do cachorro no horóscopo chinês. Entre outras coisas quer dizer nascimento de filho: Vasco na cabeça. E também maldição: azar do Flamengo.

> "LOPES TIROU O ZAGUEIRO NEI, O LATERAL-DIREITO ROSEMIRO, O APOIAODR-REVELAÇÃO GEOVANI, O PONTA-ESQUERDA MARQUINHO E O FAMOSÍSSIMO GOLEIRO MAZARÓPI. LOUCO, IMPRUDENTE, IRRESPONSÁVEL!"

5/12/82 MARACANÃ (RIO)
VASCO 1 X 0 FLAMENGO
J: José Roberto Wright; **R:** Cr$ 83 219 900; **P:** 113 271; **G:** Marquinho 3 do 2º; **CA:** Andrade, Tita e Dudu; **E:** Júnior
VASCO: Acácio, Galvão, Celso, Ivã e Pedrinho; Serginho, Ernâni e Dudu (Marquinho); Pedrinho Gaúcho (Rosemiro), Roberto e Jérson. **T:** Antônio Lopes
FLAMENGO: Raul, Leandro, Figueiredo, Marinho e Júnior; Andrade, Adílio (Vítor) e Zico; Tita, Nunes e Lico (Wilsinho). **T:** Paulo César Carpegiani

Jérson, Roberto e a taça: o fim de cinco anos de jejum

OS VASCAÍNOS DE MAIS DE 30 ANOS se lembram bem da primeira mulher de Roberto, que marcou a vida do craque e se tornou um personagem histórico do clube. Problemas renais a mataram aos 36 anos

O ADEUS DE JUREMA DINAMITE

A morte acaba com uma comovedora história de amor, mas Roberto continuará correndo atrás da bola

>> POR ROBERTO BENEVIDES, MARIA HELENA ARAÚJO E TIM LOPES

Eram pouco mais de 11h quando o telefone tocou no apartamento de Roberto e o doutor Frederico Ruzzani pediu que ele fosse até a Clínica Bambina, pois Jurema estava com problemas. Roberto, já habituado às recaídas de Jurema, não perdeu a tranqüilidade. Mas foi rapidamente para a clínica. Lá, recebeu a notícia trágica: Jurema morrera durante uma pequena cirurgia para introduzir em seu colo o cateter, um tubo destinado a facilitar a hemodiálise (há quase um ano e meio seus rins deixaram de funcionar, atacados por uma glomerulonefrite crônica, doença que exige um transplante). Roberto foi até o quarto onde estava o corpo da mulher, soluçou contido, acariciou-lhe o rosto e saiu. Chegava ao fim, num frio quarto de hospital, a bela história de amor iniciada em 1972, num calorento ônibus da linha Caxias-Praça Mauá, entre a viúva Jurema Crispim, 24 anos, mãe do garoto Alexandre, e o garotão Carlos Roberto de Oliveira, 18 anos, noivo de uma moça e namorado de outras quatro.

A família Oliveira reagiu de uma maneira bem diferente da família Crispim. Ninguém queria aquele romance. A torcida também resolveu implicar com o amor dos dois. "Por puro preconceito, as pessoas resolveram ser contra", assustou-se Dinamite. "Diziam que ela não era mulher para mim porque era seis anos mais velha. Tive de enfrentar a barra dentro de casa e com a massa. Alguns gritavam para mim no fim dos jogos: 'Essa mulher tá te matando.' Eu ficava louco, mas tinha de me segurar. Às vezes, jogando naqueles campos pequenos da zona norte, onde você escuta até passarinho, eu ouvia uma voz gritar na multidão: 'Roberto, vê se larga essa mulher'. Aquilo doía."

Jurema Crispim de Oliveira transformou-se, nos 12 anos em que amou apaixonadamente Roberto Dinamite, no mais importante mito feminino do machista futebol brasileiro. Como todo mito, inclusive com direito a um vasto e divertido folclore, em que não faltam alusões a seus poderes sobrenaturais, que teriam contribuído para levar Roberto à Copa de 1978, na Argentina, em lugar do machucado Nunes, e à Copa de 1982, na Espanha, em lugar do machucado Careca. Jurema desfazia o folclore com preciso bom humor: "Se eu tivesse este dom, jamais alguém cometeria a injustiça de não convocá-lo."

Morreu no coração da torcida: mais de cem vascaínos ofereceram seus próprios rins para ajudar a salvá-la. Mais de 5 mil pessoas acompanharam seu tumultuado enterro em Caxias, onde não faltaram depredações de sepulturas e a ação de punguistas, que levaram até a carteira de Roberto. O placar eletrônico do Maracanã também mostrou uma homenagem no jogo que o time do Vasco foi obrigado a fazer, na quinta-feira, contra o Fluminense: "Jurema, um símbolo, um exemplo." O jogo foi precedido de um rigoroso minuto de silêncio. E será certamente no silêncio, tão adequado ao seu temperamento quieto, que Roberto Dinamite vai encontrar a resposta que também já intuía no dia mesmo do enterro, quando eram muitas as vozes que insinuavam o fim do artilheiro para o futebol: "Vou continuar jogando. Jurema nunca aceitaria o contrário." Poderia haver homenagem mais comovedora a uma mulher tão valente?

"CHEGAVA AO FIM, NUM FRIO QUARTO DE HOSPITAL, A BELA HISTÓRIA DE AMOR INICIADA EM 1972, NUM CALORENTO ÔNIBUS DA LINHA CAXIAS-PRAÇA MAUÁ"

JUREMA
UM SÍMBOLO
UM EXEMPLO

22° FLUMINENSE 0
00 VASCO 0

Jurema: a homenagem no placar do Maracanã e no enterro

UM NOVO CRAQUE, QUE A TORCIDA DO VASCO já conhecia das preliminares de juniores, começou a aparecer para todo o país ao acabar com o Flamengo (pela primeira vez) na decisão do primeiro turno do estadual

A GLÓRIA DO VASCO

O veloz Romário marca os dois gols da vitória contra o Flamengo, conquista a Taça Guanabara e dispara na artilharia

» POR TIM LOPES

Foi uma festa vascaína. Às 19h45, quando o Maracanã apagava seus refletores, o herói e artilheiro da Taça Guanabara descia as escadas para o vestiário suado e cansado, mas feliz. Ele sabia que estava começando ali uma nova era para a equipe de São Januário, a sua era, a era Romário.

Depois de habitar por mais de 17 anos os apaixonados corações dos torcedores vascaínos, o veterano ídolo Roberto Dinamite começa a dividir as luzes da ribalta com seu pequeno sucessor. Romário, 20 anos, mereceu os dois gols que marcou contra o Flamengo, aos 5 e aos 45 minutos do segundo tempo, que deram o título da Taça Guanabara ao Vasco e o colocaram na frente do eterno Roberto na artilharia do campeonato. Agora, Romário tem 12 gols e Roberto 11, o que deixa o Vasco com os dois primeiros goleadores e o ataque mais positivo: 29 gols.

O grito da galera contagiava os jogadores. Afinal, o Maracanã teve público e renda recordes da temporada: 3 377 325 cruzados e 121 093 pagantes. Para ajudar o Vasco, a Mancha Verde, torcida do Palmeiras, também compareceu, o que aumentou a ira rubro-negra. Eram cânticos de guerra, batalha de bandeiras e muito carnaval, tudo misturado. Na arquibancada, parte da bateria da Escola de Samba Império Serrano empurrava o Vasco em campo. O tradicional "Casaca, casaca, zaca, zaca, zaca.../A turma é boa, é mesmo da fuzarca..." se misturava com o refrão do samba-enredo mais popular do carnaval: "Me dá, me dá, me dá o que é meu/Foram oito anos (tempo em que o Vasco ficou sem o título da Taça Guanabara) que alguém comeu..."

"Nunca perdi uma decisão para o Flamengo", dizia Romário confiante, ao acordar, domingo, na concentração do clube. Em sua curta carreira, iniciada num time de bairro, o Estrelinha, Romário de Souza Faria sempre foi o artilheiro e nunca tremeu diante do Flamengo. Foi campeão juvenil, de juniores e, agora, no profissional, sempre sobre o Flamengo. "Voltei a provar que não faço gol só em time pequeno. Meti logo dois no Flamengo que é para calar a boca de muita gente", desabafava.

O tão sonhado título vascaíno continuou a ser comemorado, pela quente noite carioca, por dirigentes e jogadores. Boa parte do grupo foi para uma churrascaria em Copacabana, mas o artilheiro Romário preferiu refugiar-se na casa dos pais, no modesto bairro de Vila da Penha. Lá, ele esqueceu a injustiça do corte da Seleção de juniores que foi a Moscou e conquistou o bicampeonato mundial. E sonhou em ser, para o Vasco, o que Roberto, o velho Bob Dinamite, representa hoje. Um ídolo e craque inesquecível.

"O VETERANO ÍDOLO ROBERTO DINAMITE COMEÇA A DIVIDIR AS LUZES DA RIBALTA COM SEU PEQUENO SUCESSOR, ROMÁRIO"

20/4/86 MARACANÃ (RIO)
VASCO 2 X 0 FLAMENGO
J: Luís Carlos Félix; **P:** 121 093;
G: Romário 5 e 45 do 2º
VASCO: Paulo Sérgio, Paulo Roberto, Donato, Fernando e Lira; Mazinho, Gersinho (Geovani) e Josenílton; Mauricinho, Roberto e Romário. **T:** Antônio Lopes
FLAMENGO: Zé Carlos, Jorginho, Guto, Aldair e Adalberto; Andrade, Valtinho e Gilmar; Bebeto, Chiquinho e Marquinho. **T:** Sebastião Lazaroni

Romário passa por Aldair, Guto (encoberto) e Jorginho: nascia uma estrela

A DECISÃO CONTRA O FLAMENGO foi tensa do início ao fim. Mas se o adversário tinha Zico e Bebeto, o Vasco contava com Roberto e Romário

VASCÃO!

Esta é a história de um bravo navegante que resgatou o título e o orgulho para São Januário

POR MÍLTON COSTA CARVALHO, CARLOS ORLETTI, ALFREDO OGAWA E MARTHA ESTEVES

Qualquer um teria chutado de primeira. Roberto Dinamite, não. A grande área é seu reino. Um espaço que ele domina como ninguém. Assim, aos 42 minutos do primeiro tempo, matou no peito a bola lançada por Luís Carlos e deu-a de bandeja para que Tita liquidasse o Flamengo. Gol! Vasco na cabeça. Nessa jogada, o velho e bom Roberto mostrou um pouco de tudo que compõe seu repertório — intução, reflexo, percepção, técnica e, sobretudo, classe.

Quanto custou ao Vasco esse mágico e inesquecível lance? Não tem preço — como algumas obras de arte. Valeu nada menos que o título de campeão carioca de 1987.

Desta vez, não. Com a Cruz de Malta sobre o peito, estava em campo um Roberto Dinamite experiente, calculista, seguro de que, neste ano, ninguém haveria de bater a carteira do Vasco. "Foi o time do campeonato", afirmava, ao final, no vestiário. "Uma equipe que sempre jogou no ataque, ávida por grandes vitórias", repetia. "Um título indiscutível", emocionava-se.

Começa a decisão. A bola corre, sem nunca incomodar os goleiros. Uma jogada de efeito de Zico. Delírio nas arquibancadas. Jorginho empurra Geovani, revidando uma falta. O árbitro ignora. O gol se insinua para um lado e outro, até que acontece o momento do gênio Dinamite. Ato contínuo, Tita acerta o chute forte, seco, pelo alto, bem debaixo da galera flamenguista.

Saiu correndo pelo campo feito um louco, com a camisa levantada, cobrindo o rosto. Parecia querer abstrair-se para melhor vibrar com o lance. Depois, explicava: "Foi uma decisão certa deixar o Internacional. Aqui, ao contrário do que ocorria em Porto Alegre, tive todas as condições para ser campeão." E ia mais além: "Acredito que toda essa garra, essa vontade que tenho de jogar, acabe passando para meus companheiros." Ainda comemorando seu 12º gol no Campeonato Carioca e o 23º pelo Vasco em 40 partidas, prometia festejar em casa.

"Dá-lhe, dá-lhe, Vasco, seremos campeões", cantava a massa vascaína, logo após o momento glorioso. Sob esse coro, Tita correu para o vestiário ao final do primeiro tempo. Num só pique, driblou a muralha de radialistas. Tinha a mesma cautela ditada pela galera, ao colocar o verbo "ser" no futuro. Preferia nada falar para não perder a concentração.

O segundo tempo logo traz um susto, um alívio e uma tristeza para o Flamengo. Primeiro, o susto. Numa disputa de bola na linha de fundo, Zico sofre uma pancada no tornozelo esquerdo. Aí veio o alívio: aparentemente, nada de mais, tanto que voltou a campo e participou de outros lances duros. A tristeza chegou aos 17 minutos, quando Alcindo entrou em seu lugar. Valente e solidário, Zico não se deu por vencido. O banho no vestiário iria esperar. Do túnel, passou a ser mais um torcedor.

Bem que a torcida rubronegra procurou empurrar o time. No entanto, as desesperadas tentativas esbarravam sempre no coração vascaíno. Era a equipe de melhor campanha atrás de um título que não conquistava desde 1982. O coração nas chuteiras. Daí a tamanha força que cada jogador colocava no mais ingênuo dos lances.

Roberto era um exemplo. Calejado, só queria dar ao clube mais dois títulos — a Taça Guanabara e o Carioca de 1987. "Nada tinha a provar", disparava contra aqueles que já não o consideram útil ao Vasco. "Eu desejava mesmo é ter a sensação de ser mais uma vez campeão", confessava, sem a camisa que lhe fora arrancada ainda no campo.

"O GOL SE INSINUA PARA UM LADO E OUTRO, ATÉ QUE ACONTECE O MOMENTO DO GÊNIO DINAMITE. ATO CONTÍNUO, TITA ACERTA O CHUTE FORTE, SECO, PELO ALTO, BEM DEBAIXO DA GALERA FLAMENGUISTA"

9/8/87 MARACANÃ (RIO)
VASCO 1 X 0 FLAMENGO
J: Pedro Carlos Bregalda; **P:** 114 628; **G:** Tita 42 do 2º
VASCO: Acácio, Paulo Roberto, Donato, Fernando e Mazinho; Henrique, Luís Carlos (Vivinho) e Geovani; Tita, Roberto e Romário. **T:** Sebastião Lazaroni
FLAMENGO: Zé Carlos, Jorginho, Leandro, Aldair e Aírton; Andrade, Júlio César e Zico (Alcindo); Renato (Kita), Bebeto e Marquinho. **T:** Antônio Lopes

A cena que tantas vezes a torcida do Vasco viu: o ídolo e a taça

O VASCO, QUE ENTROU NA MELHOR DE CINCO pontos com um ponto de bonificação, conseguiu cinco vitórias consecutivas sobre o rival. A última, com um gol histórico de Cocada

VASCÃO DA GAMA, DA GANA, DO BI

Virando jogos, acreditando sempre na vitória, o time de São Januário esmagou os rivais e conquistou seu 17º título

>> POR MÍLTON COSTA CARVALHO

Os flamenguistas até que têm razão: o time não merecia perder a partida de quarta-feira passada para o Vasco. Por uma questão igualmente de justiça, no entanto, a equipe cruzmaltina deveria conquistar o Campeonato Carioca deste ano sem mais demora. Assim, entre uma justiça momentânea e outra muito mais larga e abrangente, os deuses do futebol preferiram optar pela segunda. E o Vasco, depois de ser sufocado durante todo o jogo, marcou 1 x 0 aos 44 minutos do segundo tempo, confirmando as faixas de bicampeão – um título que não ostentava desde 1950.

O Vasco foi um verdadeiro trator botando abaixo todos os obstáculos, abrindo seu próprio caminho entre os escombros. Disposto a vencer o tempo todo, virou partidas que pareciam definitivamente perdidas, como na decisão da Taça Rio (2 x 1 em cima do Flu) e no primeiro jogo final (também 2 x 1 sobre o Flamengo).

Apenas na última partida o Vasco não partiu com tudo para cima do oponente. Jogando com o regulamento no bolso, a equipe procurou segurar o empate – e o bicampeonato – desde o primeiro minuto, deixando o Flamengo crescer perigosamente em campo. O goleiro Acácio levou duas bolas no travessão e os atacantes do Flamengo desperdiçaram pelo menos mais três ótimas situações de gol. Aos 41 minutos do segundo tempo, quando a pressão rubro-negra adquiria contornos dramáticos e desesperadores, o técnico Sebastião Lazaroni resolveu substituir o ponta Vivinho pelo lateral reserva Cocada, que tinha como tarefa principal brecar os avanços do lateral flamenguista Leonardo. E, 3 minutos depois, o esperto Cocada – com um incrível, fantástico e alucinante gol – definia o destino da partida e entrava para a história do clube. "Daqui a 20 anos meu nome estará sendo lembrado como o jogador que fez o gol do título", vibrava o lateral.

Além de ter decidido o endereço do campeão carioca deste ano, o gol fez também a paixão cega ultrapassar os limites das gigantescas arquibancadas do Maracanã e transbordar para dentro de campo. As provocações que vinham sendo trocadas entre os jogadores dos dois times explodiram numa briga generalizada. "Quem começou tudo foi Renato, que adora gozar os outros, mas não gosta de ser encarnado", acusava o artilheiro Romário. "Dei mesmo um tapa nele. Ele me provocou uma, duas vezes e pedi para ele parar. Na terceira, não deu para segurar", justificava-se o ponteiro flamenguista, branco de raiva.

Com isso, a bola – razão de toda aquela paixão – acabou esquecida por longos 15 minutos. Em vez de toques, dribles e lançamentos, a briga era o espetáculo triste e condenável. Quando o campo foi afinal limpo, Renato, Romário, Alcindo, Paulo César (goleiro reserva do Vasco) e Cocada estavam expulsos.

Reiniciado o jogo, começou a festa nas arquibancadas. "Dá-lhe, dá-lhe, Vasco, nós somos campeões", cantava enlouquecida a torcida. O juiz prorrogou o fim da partida por quase dez inexplicáveis minutos, mas a fatura estava liqüidada – o 17º título vascaíno tornara-se uma realidade. Era impossível ao Flamengo fazer naquele pouco tempo o que não conseguira fazer nas partidas anteriores – derrotar o time do bravo almirante.

"'DAQUI A 20 ANOS MEU NOME ESTARÁ SENDO LEMBRADO COMO O JOGADOR QUE FEZ O GOL DO TÍTULO', VIBRAVA O LATERAL COCADA"

22/6/88 MARACANÃ (RIO)
VASCO 1 X 0 FLAMENGO
J: Aloísio Viug; **R:** Cz$ 11 698 100; **P:** 31 816; **G:** Cocada 44 do 2º; **CA:** Zé do Carmo, Bebeto e Fernando; **E:** Romário, Cocada, Renato Gaúcho e Alcindo
VASCO: Acácio, Paulo Roberto, Donato, Fernando e Mazinho; Zé do Carmo, Geovani e Henrique; Vivinho (Cocada), Romário e Bismarck. **T:** Sebastião Lazaroni
FLAMENGO: Zé Carlos, Jorginho, Aldair, Edinho e Leonardo; Andrade, Aílton (Júlio César) e Alcindo; Renato Gaúcho, Bebeto e Zinho. **T:** Carlinhos

Cocada (acompanhado por Bismarck)
sabe que entrou para a história

O VASCO, DONO DA MELHOR campanha da primeira fase, tinha uma estranha opção na decisão contra o São Paulo: se escolhesse jogar a primeira partida fora de casa e ganhasse, seria campeão. Pagou para ver e saiu do Morumbi com a taça

SARAVASCO, GRANDE CAMPEÃO!

A superstição acabou falando mais alto que a incômoda fama que os comparava à Seleção Brasileira. De preto, e no campo do inimigo, a festa era certa

O maior medo do Vasco, na manhã de sábado, nem era o adversário, mas o próprio desentrosamento. Um mal que o atormentou durante todo o Brasileiro, como conseqüência direta da contratação de tantos craques às vésperas do campeonato. Por isso tratou de se cercar de todos os cuidados, até os menos racionais. Na segunda-feira anterior, por exemplo, a diretoria seguiu a vontade dos jogadores e marcou a primeira partida com o São Paulo para o Morumbi — afinal, além da vantagem estratégica, foi fora do Maracanã que a equipe teve as melhores atuações. E com a camisa preta. Logo, todos concluíram que era apropriado vesti-la na decisão. O goleiro Acácio também usou a amarelinha, reservada apenas para as grandes ocasiões. Tanta superstição valeu a pena! O time, que sofreu pelas comparações com a Seleção, confirmou no 1 x 0 seu destino de campeão.

Mas nem só das forças astrais viveu a Sele-Vasco. Ainda no hotel, o técnico Nelsinho tratou de alongar a costumeira preleção de 30 minutos para desenhar o exato caminho da conquista. "Não se pode bobear com a velocidade do Tilico", alertou. "Mazinho será o primeiro homem, depois vêm Quiñónez e Zé do Carmo." O cuidado matou a principal jogada de ataque tricolor . Aliando-o à escalação do incansável William no lugar do ponta Tato, estava pronta a armadilha.

De nada adiantou o são-paulino Carlos Alberto Silva assistir ao teipe de Vasco 2 x 0 Internacional e se prevenir contra as estocadas vascaínas. O treinador conteve no primeiro tempo o ímpeto ofensivo de seu time, sabendo dos perigos de dar espaço para as avançadas de Bismarck, Bebeto e cia. Uma sábia medida que deveria ter sido mantida para os 45 minutos restantes. Afinal, o São Paulo mal partiu para o ataque e sofreu o bem desenhado gol de Sorato. Talvez aí tenham pesado as coincidências — o tricolor foi campeão brasileiro em 1977 e 1986 fora do Morumbi e, nas duas vezes que decidiu em casa, em 1973 e em 1981, perdeu o título, para Palmeiras e Grêmio.

O vitorioso técnico Nelsinho merecia todas as homenagens. E foi justamente o bem orientado lateral Mazinho que tratou de levantá-lo nos ombros. "Nunca duvidei que pudéssemos ser campeões", retribuía o técnico.

O outro lateral, Luís Carlos, festejava seu preciso lançamento para a área são-paulina. "Parece que eu previa que era essa a jogada", confessava. "Pois treinei-a durante toda a semana." Com ela, o jogador também mandava ao espaço o trauma de ter perdido os dois últimos Brasileiros com a camisa do Inter gaúcho. E essa bola predestinada tinha mesmo que encontrar a cabeça de Sorato. "Só tive uma oportunidade e a converti em gol", vangloriava-se o garoto que já havia salvado o Vasco em outras duas oportunidades no segundo turno.

Mas o mais incansável na busca dessa glória foi o zagueiro equatoriano Quiñónez, que assustou o habilidoso Bobô com sua gana de ser campeão. "Pensei que levaria mais tempo para me adaptar ao futebol brasileiro", surpreendia-se. Mas só o talento é capaz de superar esses obstáculos. Foi assim que os vascaínos chegaram ao título, com muita habilidade — e com muita, muita superstição. Saravá! Saravá, campeão!

"A DIRETORIA SEGUIU A VONTADE DOS JOGADORES E MARCOU A PRIMEIRA PARTIDA PARA SÃO PAULO. ERA FORA DO MARACANÃ QUE A EQUIPE JOGAVA MELHOR"

NÉLSON COELHO

16/12/89 MORUMBI (SÃO PAULO)

SÃO PAULO 0 X 1 VASCO

J: Wilson Carlos dos Santos (RJ);
R: NCz$ 2 394 435; **P:** 71 552; **G:** Sorato 5 do 2º; **CA:** Luís Carlos Winck, Acácio e Zé do Carmo
SÃO PAULO: Gilmar, Netinho, Adílson, Ricardo e Nelsinho; Flávio, Bobô e Raí; Mário Tilico, Nei e Edivaldo (Paulo César).
T: Carlos Alberto Silva
VASCO: Acácio, Luís Carlos Winck, Quiñónez, Marco Aurélio e Mazinho; Zé do Carmo, Marco Antônio Boiadeiro e Bismarck; Sorato, Bebeto e William.
T: Nelsinho Rosa

ORLANDO KISSNER

A SeleVasco, que tantas críticas acumulou, e o gol de Sorato: festa longe de casa

PELA PRIMEIRA VEZ DESDE 1949, o Campeonato Carioca foi disputado sem o Maracanã (fechado para reformas). Exatamente como naquele ano, o Vasco foi campeão invicto. Foi o último título de Roberto pelo clube

ARRASTÃO DO INVICTO

Ignorando adversários e confusões, o time levou tudo de roldão e conquistou o título sem perder

Se não ter perdido para ninguém já é prova suficiente da superioridade vascaína, os números que o time acumulou ao longo dos dois turnos da competição são impressionantes. Foram 24 jogos e apenas seis empates; marcou 44 gols e sofreu somente dez; e acumulou 42 pontos ganhos, oito a mais do que o vice-campeão, o Flamengo. Como se pode ver, um verdadeiro massacre, uma campanha daquelas de humilhar os adversários.

"Nossa torcida sofreu muito com a perda do título brasileiro depois de o time ter feito um campeonato excelente, e a única forma de compensar aquela decepção só podia ser com uma conquista assim, indiscutível", alegrava-se o técnico Joel Santana, que dirigira a equipe do Vasco até o final do segundo turno do certame de 1987 (Sebastião Lazaroni o substituiu nas finais e acabou saindo na foto do time campeão). "Desta vez, fiz questão da minha faixa", brincava.

O Almirante usou a fórmula já consagrada de unir experiência e juventude. No item experiência, o grande trunfo cruzmaltino sem nenhuma dúvida chama-se Roberto Dinamite. Até o início do campeonato, o maior ídolo da história do clube estava encostado e sem horizontes. Joel entregou-lhe de novo a velha camisa 10 e a braçadeira de capitão. Roberto fez um campeonato perfeito dentro de campo e, fora dele, mostrou-se como sempre um exemplo de profissionalismo. "Ele foi superimportante para todos nós, principalmente os mais jovens, como eu", elogiava o atacante Edmundo, que chegou a levar um puxão de orelhas do veterano artilheiro depois de mais um de seus rompantes, quando brigou com o botafoguense Nélson no clássico do segundo turno. Vice-artilheiro da equipe, com oito gols, Roberto talvez tenha disputado seu último campeonato, agora que conquistou uma cadeira de vereador nas eleições.

Ainda no item experiência, outro nome se destacou ao longo da campanha de 1992: o lateral Luís Carlos Winck, no clube desde 1989, ano em que se sagrou campeão brasileiro. Determinado, raçudo, não só ajudou a defesa a ser a menos vazada do campeonato como ainda teve força e competência para se tornar peça fundamental no apoio ao ataque.

Mas foi com a utilização de jovens talentos que o Vasco iluminou o caminho para o título invicto. O atacante Edmundo, que ganhara evidência no Campeonato Brasileiro, confirmou durante o estadual a sua vocação para craque. De seus pés começaram as jogadas de pelo menos 70% dos gols do time.

Outra revelação notável foi o meio-campista Leandro, promovido dos juniores por Joel Santana. Excelente marcador, provou que também sabe jogar, ligando, com passes precisos, a defesa aos jogadores de frente. Já o zagueiro Tinho, também guindado dos juniores, deixou claro que tão cedo o Vasco não terá problemas em seu miolo de área, pois joga com a mesma segurança tanto pelo lado direito quanto pelo lado esquerdo. Por último, o goleiro Carlos Germano mostrou por que sempre participou de todas as Seleções Brasileiras das divisões inferiores. Seguro, tranqüilo, ótima colocação, foi o menos vazado do campeonato e uma segurança para os companheiros.

À experiência de Roberto Dinamite e Winck e ao talento de todos esses jovens juntaram-se a categoria e a habilidade de Carlos Alberto Dias. Único jogador contratado pelo clube como reforço, Dias demonstrou ser um verdadeiro pé-quente. Autor do gol que derrotou o Vasco na final de 1990, o ex-botafoguense deu o título da Taça Guanabara ao marcar, de canela, o gol do empate contra o Flamengo.

"O ATACANTE EDMUNDO, QUE GANHARA EVIDÊNCIA NO CAMPEONATO BRASILEIRO, CONFIRMOU SUA VOCAÇÃO PARA CRAQUE. DE SEUS PÉS COMEÇARAM AS JOGADAS DE PELO MENOS 70% DOS GOLS DO TIME"

24/11/92 SÃO JANUÁRIO (RIO)

VASCO 1 X 0 BANGU

J: Cláudio Vinícius Cerdeira; **P:** 11 255; **G:** Valdir 29 do 1º

VASCO: Carlos Germano; Cássio (Pimentel), Tinho, Jorge Luís e Eduardo; Luisinho, Sidney, Carlos Alberto Dias (Geovani) e Luciano; Valdir e Roberto Dinamite. **T:** Joel Santana

BANGU: Vágner, Cláudio Gomes, Oliveira, Luisinho e Paulo Roberto; Jair Souza, Pestana, Maciel (Marcelo Rodrigues) e Edílson (Paulo Dias); Gílson e Dionísio

MARCO A CAVALCANTE

Luciano, no jogo que valeu o título, contra o Bangu

O MARACANÃ VOLTAVA A SER PALCO das finais do Carioca, e o Vasco voltava a ser bicampeão, numa melhor de três jogos contra o Fluminense

O RIO ESTÁ EM BOAS MÃOS

Desde o começo era fácil perceber: nada poderia superar o Vasco. Sem rivais à altura, o time só precisou jogar seu futebol para ganhar seu quarto bicampeonato

Não era preciso muito esforço para adivinhar, ainda nas primeiras rodadas do Campeonato Carioca, de quem seria o título de 1993. A cada rodada que passava, mais patente ficava a superioridade vascaína sobre seus rivais do Rio de Janeiro. O time, que já conquistara invicto a temporada de 1992, liquidou flamenguistas, tricolores, botafoguenses e todos os que ousaram passar à sua frente. Tudo para repetir a campanha da temporada passada e arrebatar, sem dificuldades, o quarto bicampeonato estadual de sua história (já havia sido bi em 1923/24, 1949/50 e 1987/88).

"O Vasco não poderia mesmo perder este ano", comemorava o meia Bismarck depois do título assegurado. E tinha toda a razão. A equipe de São Januário foi disparada a mais regular do campeonato. Conquistou o maior número de pontos na soma geral, ganhou a Taça Rio — equivalente ao segundo turno — e teve reconhecidamente o time mais técnico do estado. Só lhe faltou a glória de repetir a brilhante campanha de quando se sagrou campeão invicto — desta vez perdeu quatro vezes.

Em compensação, superando o Fluminense na final, o Vasco acabou com a longa escrita de derrotas em decisões contra o tricolor — os cruzmaltinos perderam os títulos cariocas de 1976 e 1980 e o brasileiro de 1984 para o Flu. "Esse negócio de escrita tinha que acabar desta vez", vangloriava-se o técnico Joel Santana. Para ele, inclusive, a taça tornou-se uma vitória pessoal. Afinal, deixou em definitivo a condição de treinador-tampão, que entrava sempre nos momentos difíceis, para colocar seu nome na relação dos grandes técnicos da história vascaína.

É verdade, no entanto, que a técnica tosca da equipe das Laranjeiras não podia fazer frente aos cruzmaltinos. Tanto que o Vasco se deu ao luxo de perder um pênalti na final, batido por Bismarck. E o Fluminense só teve um artifício para tentar frear a habilidade dos meninos de Joel Santana: a violência. Quem mais atormentou a zaga tricolor foi o centroavante Valdir, revelação e artilheiro do campeonato com 19 gols. Antes mesmo das finais, o Flu parecia fadado a sofrer com o camisa 7 do Vasco. A história começou na última rodada do returno, quando Valdir encobriu o goleiro Ricardo Pinto com uma bomba da entrada da área que entrou no ângulo esquerdo. Um golaço! Na primeira partida decisiva, ele marcou os dois gols da vitória por 2 x 0. Só não repetiu a façanha no 0 x 0 que valeu o troféu, quando os vascaínos jogavam pelo empate e já prescindiam de seu oportunismo.

Em troca, os jovens campeões ofereceram a esperança de conquistas inéditas no futuro. Os mais otimistas apostam que o meia Yan, campeão mundial de juniores pela Seleção Brasileira, será o capitão de um sonhado tetracampeonato estadual em 1995. Mas havia também o toque de experiência no elenco do bi. Ele estava presente nos desarmes de Luisinho, nos lançamentos de Geovani, nas antecipações dos zagueiros de área Torres e Jorge Luís. Prova disso é que o Vasco só perdeu um clássico na temporada inteira — exatamente para o Fluminense, no segundo jogo das finais.

Para celebrar a volta do Maracanã — o estádio esteve fechado para reformas em 1992 —, a taça realmente não podia estar em outras mãos.

"OS MAIS OTIMISTAS APOSTAM QUE O MEIA YAN, CAMPEÃO MUNDIAL DE JUNIORES PELA SELEÇÃO BRASILEIRA, SERÁ O CAPITÃO DE UM SONHADO TETRACAMPEONATO ESTADUAL EM 1995"

17/6/93 MARACANÃ (RIO)

VASCO 0 X 0 FLUMINENSE

J: Daniel Pomeroy; **R:** Cr$ 11 349 750 000; **P:** 79 940; **CA:** Marcelo Barreto, Gian, Márcio, Cássio e Bismarck; **E:** Carlos Alberto Dias e Júlio César

VASCO: Carlos Germano, Pimentel, Alê, Alexandre Torres e Cássio; Sídnei, França, Carlos Alberto Dias e Bismarck; Gian (Hernande) e Valdir (Alex). **T:** Joel Santana

FLUMINENSE: Nei, Júlio César, Márcio, Luís Eduardo e Marcelo Barreto (Wallace); Pires, Chiquinho, Serginho (Macalé) e Sérgio Manoel; Vágner e Ézio. **T:** Edinho

RICARDO CORRÊA

O garoto Hernande na decisão:
bastou um empate para o bi

O GRANDE AUSENTE NA FESTA do primeiro tricampeonato carioca foi Denner. Morto menos de um mês antes num acidente de carro na Lagoa, ele não foi esquecido na hora da festa

O VASCO É TRI. TERERÊ

No ritmo do funk, a galera vascaína comemorou o título inédito, que por um instante esteve perto dos rivais Flamengo e Fluminense, mas que, por justiça, acabou mesmo em São Januário

Ainda faltavam 15 minutos para o fim, mas o marcador do Maracanã não deixava dúvidas de quem seria o campeão carioca. O Vasco batia o Fluminense por 2 x 0 com a naturalidade dos grandes vencedores e chegava ao seu tricampeonato inédito. Maioria nas arquibancadas, a torcida fazia a festa, cantando no ritmo do funk: "Tri, tri, o Vasco é tri. Tererê." Era o 20º título carioca dos vascaínos. E poucas vezes uma conquista foi tão merecida. A vitória na finalíssima, materializada nos dois gols do desengonçado centroavante Jardel, fez justiça à melhor equipe do campeonato. Mas, antes, o Vasco precisou superar o drama da morte de Denner, em acidente de carro, justamente durante as finais. A importância do atacante na campanha vascaína, entretanto, não foi esquecida. "Ê, cafuné/ Ê, cafuné/ O Denner é mistura de Garrincha e Pelé", homenageou a torcida já com a taça na mão.

Com a hegemonia do futebol carioca há dois anos, o Vasco, além de contratar Denner, trouxe de volta o volante Luisinho, que estava no Celta, da Espanha, e alugou o passe de Ricardo Rocha, então titular da Seleção. "Com a minha chegada, o Vasco assegura o tri", proclamou o novo capitão ao se apresentar. E ele estava certo. Sua liderança não só deu personalidade à defesa como fez o futebol dos demais crescer, especialmente o de Alexandre Torres. Ao lado de Rocha, o filho do capitão Carlos Alberto Torres atuou como nunca. "Com o Ricardo sinto mais segurança", enfatizou o zagueiro.

Durante a fase de classificação, os clubes pequenos não ofereceram resistência. Mesmo os clássicos não foram difíceis. Primeiro o Flamengo foi atropelado por Valdir em dia de Romário. O matador fez dois gols e a galera vascaína saiu do Maracanã festejando a vitória por 3 x 1. Depois o Botafogo abusou da sorte ao perder um pênalti através de seu artilheiro Túlio. E o Vasco não perdoou: 2 x 0. Só o Fluminense acabou poupado — quando empataram em 0 x 0, os dois times já estavam classificados para o quadrangular. Mas no jogo extra que valeu a Taça Guanabara, os cruzmaltinos aplicaram 4 x 1 nos tricolores. "Começamos a ganhar o título na fase de preparação em Teresópolis. Nas finais, não vivi, só vegetei, pensando em decisão todos os dias", desabafou Valdir, artilheiro da equipe com nove gols.

Quando o meia Yan perdeu um pênalti logo aos 3 minutos, a dupla Fla-Flu se animou. Mas aos 6, aproveitando cruzamento de Valdir, Jardel começou a sepultar as esperanças dos rivais: Vasco 1 x 0. Dominado, o Fluminense não assustava. E Jardel voltou a marcar aos 17 do segundo tempo, com passe de William, que vestia a camisa 10 de Denner. No Maracanã, muitos tricolores começavam a tomar o caminho de casa mais cedo. Milhares de rubro-negros desligavam seus radinhos de pilha e trataram de não falar em futebol. Pelo menos enquanto o grito vascaíno de "tri-cam-pe-ão" perdurasse pelas ruas do Rio de Janeiro.

"'Ê, CAFUNÉ/ Ê, CAFUNÉ/ O DENNER É MISTURA DE GARRINCHA E PELÉ', HOMENAGEOU A TORCIDA JÁ COM A TAÇA NA MÃO"

15/5/94 MARACANÃ (RIO)
VASCO 2 X 0 FLUMINENSE
J: Léo Feldman; **R:** CR$ 609 058 000; **P:** 66 121; **G:** Jardel 6 do 1º e 17 do 2º; **CA:** Ézo, Yan, Luís Henrique, Branco, Alexandre Torres, Luís Antônio e Luisinho
VASCO: Carlos Germano, Pimentel, Ricardo Rocha, Alexandre Torres e Cássio; Leandro, Luisinho, William e Yan; Jardel e Valdir. **T:** Jair Pereira
FLUMINENSE: Ricardo Cruz, Alfinete, Rau, Luís Eduardo e Branco; Jandir, Cláudio (Lira, intervalo), Luís Henrique e Luís Antônio; Mário Tilico e Ézio. **T:** Delei

Pimentel recebe a taça: o primeiro tri do Vasco

FOI O ANO DE EDMUNDO. O craque estava disposto a se reabilitar de seguidos insucessos e se reencontrou no clube de origem. Sorte do Vasco, que chegou ao tri brasileiro com dois empates nas finais contra o Palmeiras

O BACALHAU ARROMBOU A FESTA

No Campeonato que começou numa virada de mesa e terminou após uma pantomima jurídica, o Vasco bate o Palmeiras e se torna, com toda justiça, tricampeão brasileiro

» **POR SÉRGIO GARCIA E ROGÉRIO DAFLON**

O Vasco ganhou o Brasileiro com dois empates e uma goleada de 6 x 1. Esse foi o marcador do julgamento que pemitiu a Edmundo participar da finalíssima.

O jogador havia tomado o terceiro cartão amarelo na primeira partida da decisão e, orientado pela comissão técnica, forçou a sua expulsão. O vermelho anulou o amarelo e permitiu que os advogados do Vasco conseguissem julgar o caso na Justiça Desportiva. Coube, então, ao Tribunal Especial da CBF armar a encenação. O coice que o Animal deu no palmeirense Cléber para ser expulso virou "passo de balé". Edmundo acabou multado em 120 reais, o suficiente para comprar 15 cuecas daquelas de que o Animal é garoto-propaganda. Edmundo foi a campo no dia 21 de dezembro num Maracanã lotado por 90 mil pagantes e ajudou a segurar o 0 x 0 do título. Assim o Brasileiro, que havia começado com a virada de mesa que garantiu a Fluminense e Bragantino a permanência na primeira divisão, terminou numa pantomima jurídica. E nem o Palmeiras pode posar de vítima. Na decisão de 1994, a equipe paulista havia se valido de meios semelhantes para escalar o zagueiro Antônio Carlos e o próprio Edmundo.

Mas nem mesmo todas as armações dos cartolas puderam estragar a festa dos jogadores e da torcida do Vasco. O tricampeonato brasileiro foi mais do que merecido. O time da Cruz de Malta sempre esteve nas primeiras colocações desde o início do Campeonato. Na segunda fase deu um verdadeiro passeio, triturando os patrícios paulistas (a Lusa) e os arqui-rivais cariocas (o Flamengo). No fim, ainda apresentou o ataque mais demolidor da competição — seus 69 gols quebraram o recorde de gols de um único Brasileiro que pertencia ao Guarani, com 63 gols em 1982.

Desde outubro de 1996 no comando da nau vascaína, a permanência de Antônio Lopes foi um dos segredos do sucesso da equipe. Ex-delegado de polícia, o treinador explica seu estilo morder-e-assoprar. "Existe jogador que deve ser tratado com beijinhos e outros tem que ser na porrada — no sentido figurado da palavra." Às vezes, nem tão figurado assim. "Fico com um pé atrás com técnico que manda bater, mas percebi que Lopes sabe armar um time e aproveitar as características de cada jogador", resume o ex-jogador Tostão.

O Vasco passou a mostrar o perfil de campeão após uma derrota. Com a surra de 5 x 1 para o River Plate, da Argentina, em setembro, pela Supercopa, o capitão Mauro Galvão explodiu. Era hora de conversar. Lopes reuniu o grupo e fez o papel de mediador do debate. Galvão soltou o verbo. "Não estamos sabendo jogar fora de casa, a gente se expõe demais, vai ao ataque de forma afobada. Assim não dá..."

Até então, o Vasco acumulara quatro derrotas fora de casa em seis jogos. "A partir da conversa, o time passou a se defender melhor e a jogar nos contra-ataques", lembra o volante Luisinho. Dali em diante, foram cinco vitórias e apenas uma derrota no campo do adversário em oito confrontos. O tricampeonato brasileiro também deu início a outra comemoração. Em 1998, o Vasco festeja seu centenário.

"O VASCO MOSTROU UM PERFIL DE CAMPEÃO APÓS A SURRA DE 5 X 1 PARA O RIVER PLATE, NA SUPERCOPA. O CAPITÃO MAURO GALVÃO EXPLODIU. ERA HORA DE CONVERSAR"

21/12/97 MARACANÃ (RIO)

VASCO 0 X 0 PALMEIRAS

J: Sidrack Marinho dos Santos (SE); **R:** R$ 1 300 000; **P:** 89 200; **CA:** Zinho, Carlos Germano e Edmundo

VASCO: Carlos Germano, Válber, Odvan, Mauro Galvão e Felipe; Luisinho, Nasa, Juninho Pernambucano (Pedrinho) e Ramón; Edmundo e Evair (Nélson). **T:** Antônio Lopes

PALMEIRAS: Velloso, Pimentel, Roque Júnior, Cléber e Júnior; Galeano (Marquinhos), Rogério, Alex (Oséas) e Zinho; Euller e Viola (Chris). **T:** Luiz Felipe Scolari

Edmundo, acossado por Cléber: artilheiro com 29 gols

FOI O TÍTULO CARIOCA MAIS FÁCIL da história. Tão fácil que os outros três grandes, vendo que não tinha mais jeito, simplesmente fugiram do campeonato, alegando que o Vasco — disputando três competições simultâneas — fora beneficiado pelas mudanças na tabela

FALTOU ADVERSÁRIO

Apesar da bagunça generalizada do Campeonato Carioca e do festival de W.O., o Vasco mostra por que é o melhor time do Brasil e fica com o título

Pela primeira vez um clássico carioca terminou em W.O. Aconteceu no dia 10 de maio. Inconformados com a marcação do jogo contra o Vasco para esse dia, os dirigentes do Botafogo tiraram o time de campo. O esperto Eurico Miranda havia conseguido trocar a data para beneficiar o Vasco. E o Botafogo escolheu a saída mais radical para protestar. Uma semana depois, Flamengo e Fluminense também não foram a campo para disputar o clássico mais tradicional do país. Com a desistência dos outros times e o Vasco acumulando vitórias no W.O., a equipe ganhou o seu primeiro título no ano do centenário. Recursos e mandados judiciais ainda devem entupir os tribunais esportivos por muito tempo; mas o fato é que o Vasco já está com a taça na mão e os outros grandes deixaram claro que não jogam mais o Carioca.

Foi o campeonato mais confuso de todos os tempos. Os times estavam divididos em dois grupos. De um lado, os quatro grandes, Bangu e Americano, eterno privilegiado por ser o time de Eduardo "Caixa d'Água" Viana, o presidente da federação. Os seis restantes tiveram que disputar uma fase preliminar, que classificou duas equipes — Friburguense e Madureira — para se juntar ao grupo de elite. Só que antes de a fase seletiva começar, o Vasco já jogava pelo primeiro turno.

Confuso? A bagunça iria piorar. Participando também da Copa do Brasil e da Libertadores, o Vasco adiou seus jogos, cláusula que constava do regulamento do estadual. O que se viu a partir daí foi um festival de trapalhadas. De um lado, a dupla Caixa d'Água/Eurico Miranda adequando a tabela ao bel prazer do Vasco. Do outro, Kléber Leite (presidente do Flamengo), José Rolim (do Botafogo) e Álvaro Barcelos (do Fluminense) prometendo retaliações. No segundo turno, o trio perdeu a razão e faltou aos jogos.

Apesar da balbúrdia, no gramado o Vasco fez por merecer o título. Desde o começo do campeonato, o time comandou a tabela de classificação. Venceu o primeiro turno com sobras e liderava o segundo seguido pelo Flamengo. Como o título estava quase perdido, os outros times tentaram melar a competição. Se houvesse alguma chance teriam feito o mesmo?

"COMO O TÍTULO ESTAVA QUASE PERDIDO, OS OUTROS TIMES TENTARAM MELAR A COMPETIÇÃO. SE HOUVESSE ALGUMA CHANCE TERIAM FEITO O MESMO?"

14/5/98 MOÇA BONITA (RIO)

BANGU 0 X 1 VASCO

J: Ubiraci Damásio; **R:** R$ 12 660; **P:** 1 266; **G:** Mauro Galvão 46 do 2º; **CA:** Roberto Teixeira, Humberto, Paulo Andrade, Juninho Pernambucano e Luizão; **E:** Marcão, Edílson e Felipe

BANGU: Alex, Roberto Teixeira, Leonardo, Naílton e Flavinho; Marcão, Humberto, Edílson e Renatinho (Wellington, depois Marcelo Cardoso); Biquinho e João Rodrigo (Paulo Andrade). **T:** Alfredo Sampaio

VASCO: Márcio, Vítor, Odvan, Mauro Galvão e Felipe; Nasa, Válber, Vagner (Juninho Pernambucano) e Pedrinho; Donizete (Mauricinho) e Luizão (Luiz Cláudio). **T:** Antônio Lopes

Galvão: gol do título no último instante. Adeus, tapetão!

O VASCO PERDEU EDMUNDO, vendido à Fiorentina, mas trouxe Donizete e Luizão. E foram eles os autores dos gols que deram ao clube, 50 anos depois do primeiro título sul-americano, uma nova taça

A CONQUISTA DO NOVO MUNDO

No ano do seu centenário, o Vasco ganha a Libertadores da América pela primeira vez. A torcida, em festa, sabe que a viagem não terminou. Falta a escala final no Japão

>> POR ROGÉRIO DAFLON

A caravela vascaína já partiu rumo ao Japão, onde completa a mais gloriosa viagem nos cem anos de história do clube. Deixou para trás mexicanos, conterrâneos brasileiros, argentinos e, por fim, cruzou a linha do Equador ao derrotar o Barcelona.

A batalha final prometia ser dramática. O Vasco, que vencera o primeiro jogo no Rio por 2 x 0, teria que resistir à pressão dos 90 mil torcedores equatorianos que lotaram o estádio Monumental de Guayaquil. Só que, para surpresa geral dos vascaínos, foi fácil, muito mais fácil do que se imaginava. Nervosos, os equatorianos não encontraram o caminho da vitória. O Vasco aproveitou-se da situação e abriu, com Luizão de Donizete, uma vantagem de dois gols já no primeiro tempo.

A firmeza de Carlos Germano e a garra de Mauro Galvão anulavam os ataques do Barcelona. O talento dos laterais Vágner e Felipe e o oportunismo da dupla Donizete e Luizão eram a certeza de que o segundo tempo da decisão seria disputado em águas tranqüilas. E assim foi. O Barcelona ainda marcou seu gol de honra, mas o Vasco segurou a vitória e ficou com a primeira Taça Libertadores da sua história.

A caravela começou a travessia na sua quinta Libertadores sob tormenta. O time totalizou apenas um ponto nos três primeiros jogos da Libertadores, ao enfrentar fora de casa o Grêmio e os estreantes mexicanos na competição, Chivas e América. Deu o troco nos jogos de volta. Nas oitavas, pegou o Cruzeiro, último campeão do torneio: vitória em São Januário, empate no Mineirão. Uma nova vitória contra o Grêmio e o desafio de pegar o poderoso River Plate, da Argentina, na semifinal. Nova vitória em casa e empate fora. Aí veio a guerra do Equador.

Na primeira partida, o vice-presidente do Vasco, Eurico Miranda, fez de tudo para infernizar a vida dos equatorianos. Os visitantes reclamaram do clima de intimidação, de terem feito o aquecimento num canto do estádio sob os apupos da torcida. Perderam (merecidamente na bola) por 2 x 0, mas prometeram o troco no jogo de volta. Em manchetes de jornais e nos programas esportivos da TV, a imprensa local exigia vingança. E a torcida caiu nessa. Uma chuva de pedras atingiu o ônibus do Vasco assim que a delegação chegou a Guayaquil. Como medida de proteção, os treinos do time brasileiro passaram a ser acompanhados por guardas com fuzis. No intervalo da partida, com o Vasco já vencendo por 2 x 0, os torcedores equatorianos apedrejaram os jogadores (uma pedra cortou o braço de Pedrinho) e os torcedores brasileiros.

O Vasco mostrou que não era viúva de Edmundo, a grande estrela no título brasileiro do ano passado. O volante Luisinho ressalta o belo futebol do craque-bacalhau, mas lembra algo importante. "Nas finais do Brasileiro, contra o Palmeiras, não houve gols. A marcação do Vasco foi fundamental para o título", diz.

Como um time assim ganha a Libertadores? Com força, determinação e muita coragem. "Eles ganharam um Brasileiro e uma Libertadores sem tremer um minuto sequer", elogia o preparador físico Bebeto de Oliveira. A Taça Libertadores da América era o que faltava ao clube, aos jogadores e aos torcedores. O Japão é logo ali.

"O VASCO TERIA QUE RESISTIR À PRESSÃO DOS 90 MIL TORCEDORES EQUATORIANOS. SÓ QUE, PARA SURPRESA GERAL DOS VASCAÍNOS, FOI MUITO MAIS FÁCIL DO QUE SE IMAGINAVA"

26/8/98 ISIDRO ROMERO (GUAYAQUIL)

BARCELONA-EQU 1 X 2 VASCO

J: Javier Castrilli (Argentina); **P:** 90 000; **G:** Luizão 24 e Donizete 46 do 1º; De Ávila 34 do 2º; **CA:** Odvan, De Ávila, Gómez, Juninho Pernambucano, Montanero, Carlos Germano, Ramón, Carabalí, Quiñonez, Delgado, Felipe; **E:** Donizete

BARCELONA: Cevallos, Gómez, Noriega (Aires), Montanero, Quiñonez e George; Carabali, Morales e Asencio; De Ávila e Delgado. **T:** Rubén Darío Insúa

VASCO: Carlos Germano, Vagner, Odvan, Mauro Galvão e Felipe; Luisinho (Vítor), Nasa, Juninho Pernambucano e Pedrinho (Ramón); Donizete e Luizão (Alex). **T:** Antônio Lopes

Mauro Galvão, Luizão, Alex, Odvan e todo o time: a maior conquista

NÃO DEU CONTRA O REAL MADRID, uma verdadeira seleção mundial, o Vasco fez jogo igual, teve chances de vencer, mas tomou um gol fatal no final da partida

CAINDO NA REAL

O esquadrão de craques do Real Madrid acabou com o sonho vascaíno do título mundial

A derrota do Vasco na decisão do Mundial Interclubes reafirmou a verdade mais antiga do futebol. Sistemas táticos, planejamento, organização em campo, tudo isso tem seu valor. Mas, ao contrário do que pregam os pessimistas, os craques é que realmente fazem a diferença. O gol que definiu a partida começou com um lançamento de 40 metros do volante Seedorf, talvez hoje o jogador mais moderno e versátil do mundo. O atacante Raúl dominou a bola em velocidade, deu um drible humilhante em Vítor, outro em Odvan e concluiu com talento e classe. Gol de um autêntico craque.

Não que o Vasco seja uma equipe qualquer. A zaga tem a experiência de Mauro Galvão, que, aos 37 anos, continua jogando como novato. Há também a irreverência e a malandragem do lateral-esquerdo Felipe, maior promessa do futebol brasileiro. O meio campo compensa a falta de talento dos cães de guarda Nasa e Luisinho com a leveza e a habilidade de Juninho e Ramón. E a dupla de ataque Donizete-Luizão anda afinada como nunca. Todos são grandes jogadores. Mas, no céu de estrelas do futebol mundial, a constelação do Real brilha mais forte.

Além de Seedorf, o melhor jogador da final, e de Raúl, o homem que decidiu o título, a equipe espanhola conta com um batalhão de craques. O líbero Hierro, 30 anos, já pode, a esta altura da carreira, ser comparado com o genial líbero Franco Baresi, vice-campeão mundial pela Itália na Copa de 1994. O volante argentino Redondo, embora canhoto, é hoje quem tem o estilo de jogo mais parecido com o de Falcão. E, justiça seja feita, Roberto Carlos ainda é um fora-de-série. Isso sem contar o meia iugoslavo Mijatovic e os atacantes Sávio, ex-Flamengo, e Suker, artilheiro da Copa da França, todos ótimos jogadores.

O elenco do Vasco tem apenas um fora-de-série. No tira-teima com Roberto Carlos, o lateral Felipe por pouco não se consagrou. Depois de driblar dois zagueiros (aliás, com a mesma categoria de Raúl), Felipe chutou mal (o seu maior defeito) e perdeu um gol feito. O lance ocorreu cinco minutos antes do gol de desempate do Real. Se a bola entrasse, o título vascaíno sairia justamente dos pés do único craque de verdade da equipe. "Tivemos muito azar nesse lance", diz Antônio Lopes. "Depois, acabamos perdendo porque Seedorf e Raúl fizeram uma jogada genial."

A escassez de talentos no meio campo vascaíno provocou uma cena constrangedora. Como o aplicado e limitado Nasa só fazia bobagens em campo (além de ter marcado um gol contra, deixou Seedorf livre, não conseguindo pará-lo nem na base da violência), o curinga Válber, que estava na reserva, sugeriu a substituição. No intervalo, o próprio Nasa, muito abalado com o gol, pediu para sair, proposta que não foi aceita pelo treinador. A entrada de Válber certamente daria uma dose extra de talento ao Vasco. Encerrado o jogo, Válber foi tirar satisfação com Lopes. "Por que você fez isso comigo?", perguntou, aos prantos. Seco como um delegado de polícia, o treinador deu as costas e foi para o vestiário.

Desde a conquista da Libertadores, em agosto, o Vasco decidiu dar prioridade total ao Mundial Interclubes. Sem o embalo das partidas competitivas do Brasileiro e apenas treinando, o que se viu no primeiro tempo foi uma equipe sonolenta. O Vasco tentou e conseguiu recuperar o fôlego no segundo tempo, pressionou e teve até a chance de conquistar o título inédito. Mas receberia o bote fatal porque, na soma dos talentos, o adversário sempre foi melhor.

"NO INTERVALO, O PRÓPRIO NASA, MUITO ABALADO COM O GOL, PEDIU PARA SAIR, PROPOSTA QUE NÃO FOI ACEITA PELO TREINADOR"

1/12/98 NACIONAL (TÓQUIO)
REAL MADRID 2 X 1 VASCO
J: Mario Sánchez (Chile); **P:** 51 514;
CA: Roberto Carlos, Seedorf, Sanz, Nasa, Luisinho e Luizão
REAL MADRID: Illgner, Hierro, Panucci e Sanz; Sanchis, Redondo, Seedorf e Roberto Carlos; Mijatovic (Jarni), Sávio (Suker) e Raúl. **T:** Jupp Heynckes
VASCO: Carlos Germano, Vagner (Vítor), Mauro Galvão, Odvan e Felipe; Luisinho (Guilherme), Nasa, Ramón (Válber) e Juninho Pernambucano; Donizete e Luizão. **T:** Antônio Lopes

Nem sempre dá para vencer: Felipe e Odvan fizeram o que puderam

DEPOIS DA EXCEPCIONAL TEMPORADA anterior, o Vasco iniciava o ano com mais uma glória, o Rio-São Paulo, conquistado na casa do adversário

É SÓ O COMEÇO

Em 1998, o Vasco ganhou quase tudo. Com a conquista do Rio-São Paulo, o time abre caminho para uma temporada perfeita

Foi mais uma noite inesquecível para um esquadrão que está fazendo história no futebol brasileiro. O Vasco podia até perder a final por um gol de diferença, mas foi ao Morumbi, templo do futebol paulista, e matou o esforçado Santos, por 2 x 1. No primeiro gol, Zé Maria executou uma venenosa cobrança de falta. A equipe santista empatou com Alessandro e cometeu o erro de ir para a frente. Num contra-ataque mortal, Juninho assinalou o gol da vitória, que premiou o melhor time do Brasil, da América e, se tudo der certo neste ano, do mundo.

A conquista do Rio-São Paulo serve para acalmar os vascaínos mais aflitos, que já imaginavam a tradicional decadência após a derrota contra os espanhóis do Real Madrid, na final do Mundial Interclubes, ano passado. O time sentiu o baque, mas a recuperação foi rápida. Graças a uma atitude sensata. Em vez de mudar tudo, o Vasco manteve o técnico, o time e ainda se reforçou.

O clube trouxe Zé Maria, da Itália, e acabou com as improvisações da lateral direita. O atacante Zezinho chegou sem estardalhaço, vindo do América-RN. Não virou titular, mas já cumpriu o seu papel, no primeiro jogo da final contra o Santos. Foi ele que marcou o terceiro gol, aquele que garantiu mais tranqüilidade ao time na última partida.

Daí a virar titular vai uma bela distância. Não é simples garantir vaga num time que tem Juninho, Mauro Galvão e Carlos Germano, só para citar alguns. Com tanta concorrência, nem mesmo uma partida perfeita garante sossego. Logo na rodada inicial do Rio-São Paulo, o atacante Guilherme fez três gols na goleada de 5 x 1 sobre o Palmeiras. Foi só baixar o ritmo e lá estava o ex-titular Luizão retomando o seu posto. No meio campo, Luisinho perdeu espaço e foi a vez de Paulo Miranda mostrar serviço.

Houve tropeços, como a derrota de 4 x 2 para o Fluminense e o W.O. para o mesmo time, resultado de uma picuinha de dirigentes. Mas houve também cenas inesquecíveis. O São Paulo, e sua empáfia, caíram por terra com a vitória vascaína em pleno Morumbi, quando um simples empate classificaria os paulistas. Mas o Santos sofreu mais. Ainda na primeira fase, o time de Leão vencia por 2 x 0 em São Januário. Uma bronca do técnico Antônio Lopes e o time voltou para o segundo tempo pronto para virar a partida num memorável 3 x 2.

O Rio-São Paulo já foi. Agora vêm o campeonato estadual, a Copa do Brasil, a Libertadores... Será um ano cheio — de glórias, se possível. E não custa lembrar: Edmundo vem aí!

"O SÃO PAULO, E SUA EMPÁFIA, CAÍRAM POR TERRA COM A VITÓRIA VASCAÍNA EM PLENO MORUMBI, QUANDO UM SIMPLES EMPATE CLASSIFICARIA OS PAULISTAS"

3/3/99 MORUMBI (SÃO PAULO)

SANTOS 1 X 2 VASCO

J: Cláudio Vinícius Cerdeira (RJ); **P:** 32 495; **G:** Zé Maria 45 do 1º, Alessandro 1 do 2º e Juninho 30 do 2º; **CA:** Zé Maria, Ânderson e Ramón

SANTOS: Zetti, Ânderson (Camanducaia, depois Michel), Argel, Sandro e Gustavo; Marcos Bazílio, Claudiomiro, Caíco e Jorginho; Alessandro e Viola (Rodrigão). **T:** Émerson Leão

VASCO: Carlos Germano, Zé Maria, Odvan, Mauro Galvão e Felipe; Paulo Miranda, Nasa, Juninho Pernambucano (Henrique) e Ramón; Donizete (Vágner) e Luizão (Zezinho). **T:** Antônio Lopes

O Santos não teve chance: contra esse grupo, não dava mesmo

ESTA PARTIDA ENTROU PARA A HISTÓRIA DO FUTEBOL. Nunca antes se vira algo igual: perdendo por 3 x 0 no intervalo, na casa do adversário, o Vasco virou o jogo e foi campeão

VICE É O CARAMBA!

Com o título da Copa Mercosul, o Vasco já é tricampeão sul-americano. No Rio, ninguém chega perto do Vascão. Nem de uma virada histórica como a da final contra o Palmeiras, em São Paulo

>> POR PAULO VINÍCIUS COELHO

O Vasco precisava de três. Quando o primeiro tempo da decisão da Copa Mercosul terminou, era só isso o que os vascaínos pediam. Precisavam de três gols, que dependiam primordialmente de três jogadores. O primeiro deles, Romário, é claro. O que se pedia ao Baixinho era um milagre. Só isso faria alguém igualar Roberto no coração cruzmaltino.

Romário inicou a final da Copa Mercosul empatado com Roberto, com 61 gols em um ano, o mesmo número que Dinamite conseguiu em 1981, o melhor ano de sua carreira. E disposto a produzir outro milagre, o de igualar um placar desfavorável de 3 x 0, jogando contra o Palmeiras, fora de casa.

E foi ele, o Baixinho, quem diminuiu o marcador para 3 x 1, num pênalti, no início do segundo tempo mais fantástico da história vascaína.

Mas eram três os gols que pediam os vascaínos e que pedia o novo técnico, Joel Santana, do banco de reservas. E não podia depender só de Romário. Pois Juninho Paulista foi o segundo herói da noite. Ele, que já havia sofrido o primeiro pênalti, convertido pelo Baixinho, cavou também o segundo, numa jogada com o palmeirense Gilmar. E o placar já chegava a 3 x 2, porque o Baixinho não havia de desperdiçar a cobrança.

O segundo herói era Juninho Paulista, que sofreu os dois pênaltis e marcou também o terceiro gol, atendendo a nação cruzmaltina. Nação que gritava mais do que os calados palmeirenses, dentro de sua própria casa, o Parque Antártica, e atendia ao emocionado pedido do mais vascaíno dos craques vascaínos: Juninho Pernambucano.

Com a bola nos pés, é verdade, Juninho Pernambucano fez pouco. Mas foram seus gritos para as arquibancadas, batendo a mão no peito, que o transformaram no terceiro personagem do título. E a noite ainda reservava mais um gol de Romário, seu 64° pelo Vasco no ano 2000 — 71° somando os marcados pela Seleção. O gol da taça, aos 48 minutos.

Aliás, a terceira taça sul-americana do Vasco, que ganhou, no Chile, a Copa dos Campeões de 1948 e, no Equador, a Libertadores de 1998. Também foi no exterior — como diz Eurico, referindo-se a São Paulo — que o Vascão levantou seu terceiro título. Graças a seus três heróis. E três gols de Romário.

"O QUE SE PEDIA AO BAIXINHO ERA UM MILAGRE. SÓ ISSO FARIA ALGUÉM IGUALAR ROBERTO NO CORAÇÃO CRUZMALTINO"

20/12/2000 PQ. ANTÁRTICA (S.PAULO)
PALMEIRAS 3 X 4 VASCO
J: Márcio Rezende de Freitas (PR);
G: Arce (pênalti) 36, Magrão 36, Tuta 44 do 1°; Romário 14 (pênalti), 23 (pênalti) e 48, Juninho Paulista 40 do 2°; **CA:** Nasa, Odvan, Flávio, Juninho Pernambucano, Juninho Paulista; **E:** Júnior Baiano 32 do 2°
PALMEIRAS: Sérgio, Arce, Gilmar, Galeano e Tiago Silva; Fernando, Magrão, Taddei e Flávio; Juninho e Tuta (Basílio).
T: Marco Aurélio
VASCO: Hélton, Clébson, Odvan, Júnior Baiano e Jorginho Paulista; Nasa (Viola), Jorginho (Paulo Miranda), Juninho Pernambucano e Juninho Paulista; Euller (Mauro Galvão) e Romário. **T:** Joel Santana

Romário nos braços de Juninho Pernambucano e Paulo Miranda: que virada!

O MAIS CONTURBADO Brasileirão de todos os tempos acabou com a mais confusa final: uma grade do São Januário cedeu, interrompendo a decisão entre o favorito Vasco e a zebríssima São Caetano. O jogo foi para o Maracanã e aí Romário levou seu primeiro Brasileirão

TÁ TUDO DOMINADO

Na decisão de Brasileiro mais conturbada de todos os tempos, só uma certeza: o Vasco e Romário foram os melhores da temporada 2000

>> POR ANDRÉ FONTENELLE

Como o Campeonato Brasileiro (ou Copa João Havelange) de 2000 vai passar para a história? A confusão jurídica que envolveu o segundo jogo decisivo será sempre lembrada. Mas ninguém poderá contestar o mérito do Vasco, porque é dentro de campo que os campeonatos se decidem. E nele deu Vasco.

A partida de São Januário acabou com o São Caetano jogando melhor, mas sem ter conseguido marcar um gol (o Vasco jogava pelo 0 x 0). A queda do alambrado impediu a torcida de saber como um Vasco sem Romário teria se saído. Se o Vasco foi culpado ou não pelo incidente, é uma questão que será eterno assunto de discussão. Felizmente para o Vasco a marcação de uma nova partida permitiu ao time ganhar dentro de campo — e a Romário, provar pela enésima vez, a quem ainda dizia o contrário, que ele marca, sim, em decisões, e conquistar o título brasileiro que faltava em sua carreira. Predestinação.

Saborosa vingança de Eurico Miranda em cima da Rede Globo, o time do Vasco entrou em campo patrocinado pelo SBT. O jogo decisivo começou morno. Natural, com o sol de três da tarde (o jogo começou às 16h, mas em horário de verão) e três semanas de férias impedindo os jogadores de correr. Como sempre, o time do ABC paulista começou com vontade, chutando a gol sempre que tinha oportunidade. Márcio Rezende de Freitas não marcou um pênalti (é preciso inventar uma palavra nova para definir o lance, pois "escandaloso" é pouco) de Odvan em Esquerdinha.

O Vasco se acalmou ao marcar o primeiro gol, numa troca de passes precisa dentro da área: Juninho Paulista, Romário, Juninho, bola no ângulo esquerdo de Sílvio Luiz. O pernambucano carimbou aquela que provavelmente foi sua última atuação pelo Vasco com um beijo na Cruz de Malta. Ninguém sofreu mais com os vice-campeonatos em série, ninguém merecia mais fazer um gol na conquista do tetracampeonato nacional.

Mas, de tanto chutar, o Azulão acabou acertando. Adãozinho empatou o jogo, apagando a vantagem vascaína. 1 x 1 significava decisão por pênaltis. 2 x 2 e qualquer outro empate daria o título aos paulistas. Mas a maré começou a virar para o Vasco aos 39 minutos, em nova troca rápida de passes dentro da área de Sílvio Luiz. A bola foi parar nos pés de Jorginho Paulista, sozinho — afinal, quem ia acreditar que Jorginho Paulista estava na área? O chute de perna esquerda, cruzado, passou por um Sílvio Luiz novamente sem ação.

O 2 x 1 não trouxe alívio, já que o São Caetano parecia prestes a empatar novamente. Mas tudo se transformou com 7 minutos do segundo tempo: Romário pediu a bola, resistiu a todas as tentativas de Daniel e mandou uma bomba no pouco espaço disponível entre o goleiro do São Caetano e a trave esquerda. Ou seja, o gol típico de Romário.

De repente a zebra do Brasileiro empacou. Os tão temidos chutes de Adhemar passaram a sair fracos. César não ameaçava mais pela esquerda, Claudecir não aparecia mais pelo meio. Nos contra-ataques, o Vasco perdeu a chance de aumentar, mas era suficiente. Difícil foi conter a torcida, que tinha razão de se impacientar: a decisão durou quase um mês. Mas enfim a Copa João Havelange podia voltar para a sala de troféus de São Januário, onde já estivera, desta vez merecidamente.

"SABOROSA VINGANÇA DE EURICO MIRANDA EM CIMA DA REDE GLOBO, O TIME DO VASCO ENTROU EM CAMPO PATROCINADO PELO SBT"

18/1/2001 MARACANÃ (RIO)

VASCO 3 X 1 SÃO CAETANO

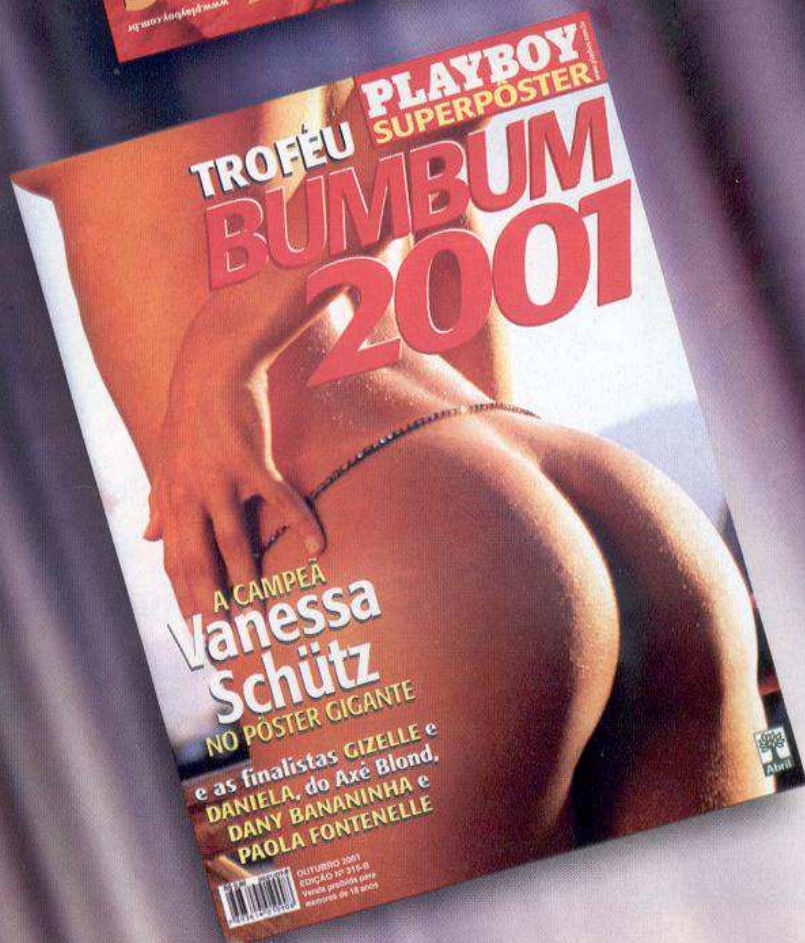
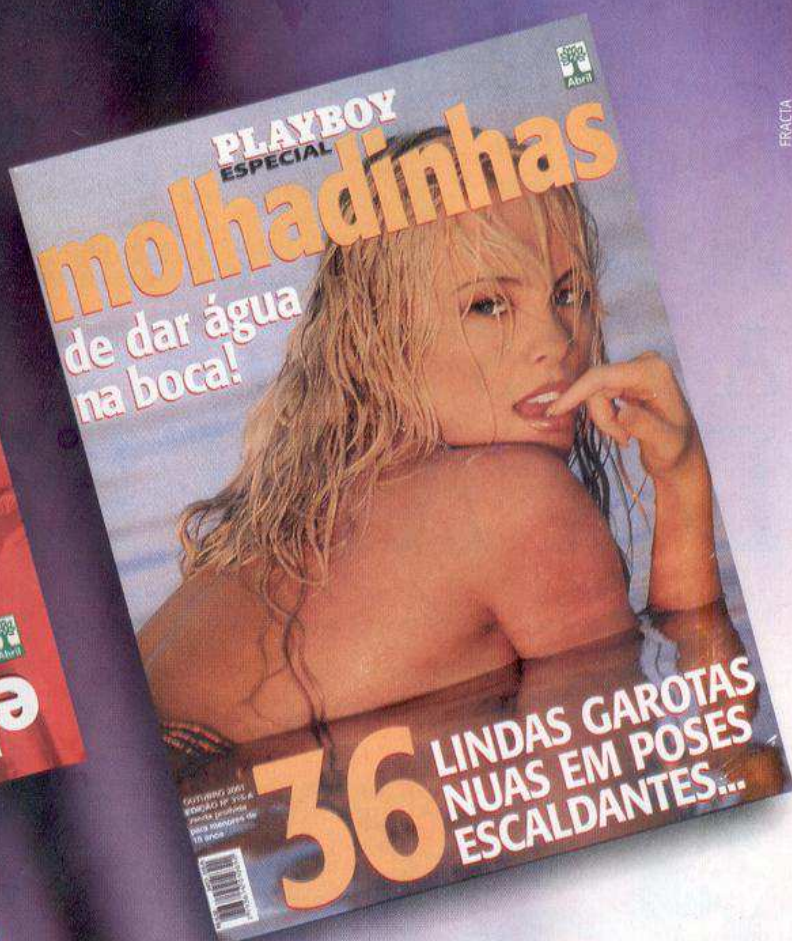
J: Márcio Rezende de Freitas (PR);
R: R$ 442 270; **P:** 31 761; **G:** Juninho Pernambucano 30, Adãozinho 37, Jorginho Paulista 40 do 1º; Romário 7 do 2º;
CA: Euller, Serginho, César, Romário, Gilmar e Claudecir
VASCO: Hélton, Clébson, Odvan, Júnior Baiano e Jorginho Paulista; Nasa, Jorginho (Henrique), Juninho Pernambucano (Paulo Miranda) e Juninho Paulista (Pedrinho); Euller e Romário. **T:** Joel Santana
SÃO CAETANO: Sílvio Luiz, Japinha (Gilmar), Daniel, Serginho e César; Adãozinho, Claudecir, Aílton (Leto) e Esquerdinha (Zinho); Adhemar e Wagner.
T: Jair Picerni

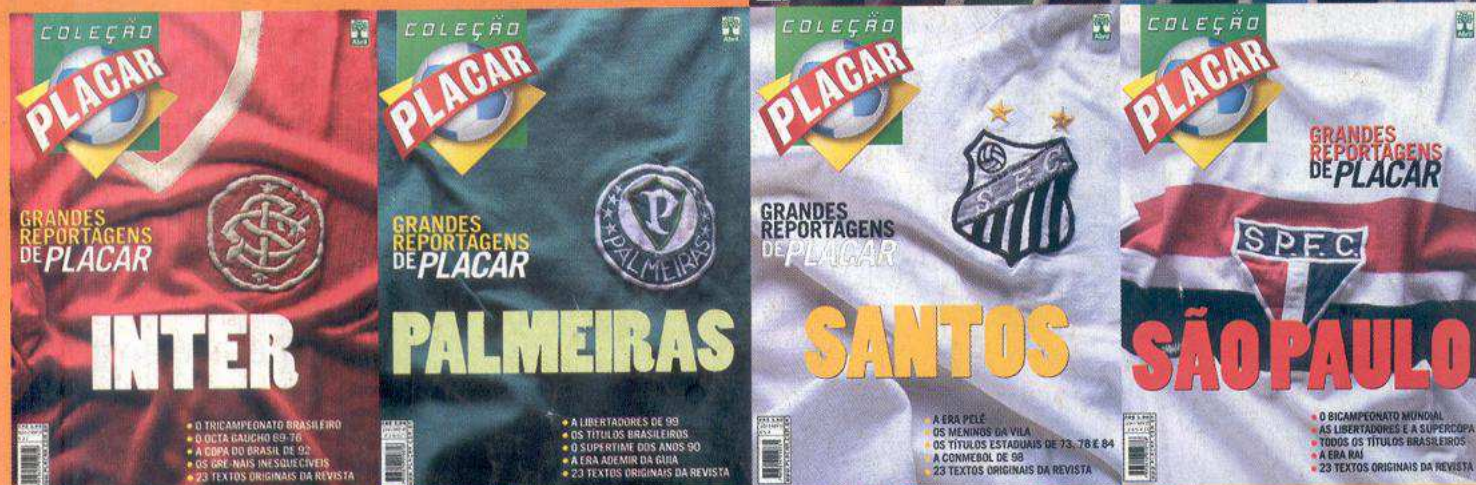
Juninhos e Romário, corpo e alma vascaínas: xô, zebra!

VASCO CAMPEÃO DA TAÇA LIBERTADORES DA AMÉRICA 1998

EM PÉ: Vítor, Nasa, Carlos Germano, Vágner, Alex, Mauro Galvão, Válber, Odvan e Márcio; **AGACHADOS:** Donizete, Luizão, Mauricinho, Luizinho, Pedrinho, Nélson, Felipe, Juninho e Ramó

CÉLIO APOLINÁRIO

Na dúvida, leve os três.

A HISTÓRIA DA ARTE

Uma coletânea com as melhores matérias e fotos dos 13 maiores clubes brasileiros, publicadas em PLACAR desde os anos 70.

Peça já ao seu jornaleiro

ESPECIAL PLACAR